

A batalha do poder

Miguel Carqueija

Pré-posfácio

A faisão verde (à guisa de prefácio, introdução ao exame em profundidade de A Batalha do poder, a nova novela de Miguel Carqueija)

Por Flávio A. L. Bittencourt [*]

“(…) Gosta [M. Carqueija] de trabalhar com personagens femininas bem construídas, instaladas em universos com referências à cultura pop, aos quadrinhos e ao mangá, assim como se apropria, muitas vezes, do rico universo criado pelo cultuado escritor americano H. P. Lovecraft. (…)”

(Cesar Silva, designer e editor, trecho da Apresentação de Os mistérios do Mundo Negro, p. 3)

“(…) Era noite e uma nervosa reunião ocorria no castelo. Rini, mal disfarçando sua raiva, encarou o Faisão Verde:

— Já sabem que você é uma mulher. Não finja mais. Não para mim. Você está se arriscando muito. (…)”

(Miguel Carqueija, escritor e bancário, A Batalha do Poder)

“A tampa de uma caixa perfeita, cuja borda é trabalhada em relevo, não devia desejar outra coisa senão permanecer sobre sua caixa.”

(Rainer Maria von Rilke [1875 – 1926], poeta nasc. em Praga [Império Austro-Húngaro] e falec. em Valmont, [Suíça], Cadernos, p. 266 da trad. francesa; trecho citado por G. Bachelard, trad. brasileira: Os Pensadores, São Paulo, Nova Cultural, 3ª ed., 1988, p. 163; trad.: Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal)

Não havia rapé na pequena caixa de Dona Mirtes: há um conto de Miguel Carqueija, “O tesouro de Dona Mirtes”, no qual uma senhora – a

personagem principal – sempre porta, em sua bolsa, como espécie de amuleto, uma pequena caixa, por ela muito estimada e protegida. Entretanto, o que está dentro da caixa (que não se sabe o que é) virá salvá-la, num covarde assalto a mão armada. Da caixinha sairá uma espécie de “gênio da lâmpada” (ou um “Alien, o oitavo passageiro”, dilacerador, mas do bem), que pode destruir bandidos que porventura ataquem a sua orgulhosa dona. Esse conto, curto, é violento. Não há perdão para os dois marginais que matariam, sem dó nem piedade, a idosa e honesta senhora.

Estamos todos fartos de violência e até pedimos – eu peço, melhor situando – vingança contra os autores de maldades, algumas “lúdicas”, outras interessadas, que grassam em todos os quadrantes do Planeta. Mas Miguel Carqueija introduziu, como em esforço menos ligeiro de compreensão das mensagens transmitidas poderá perceber o(a) leitor(a) do conto, um componente evidente de justiça: o esquartejamento rápido dos meliantes aconteceu em legítima defesa. Aquela senhora seria absolvida, se fosse submetida a julgamento em qualquer tribunal.

Miguel Carqueija, católico praticante, não colocaria algo forte – ou violentíssimo, como no caso dessa narrativa curta (cuja versão em curta-metragem cinematográfica também ficou excelente) –, se uma lição final não estivesse ancorada em base ética, considerando-se que essa ética é nitidamente cristã, desenvolvida que foi durante mais de cinquenta anos de estudos bíblicos, leituras de admiráveis narrativas literárias, produções miguelinas de contos e novelas, orações e, principalmente, uma fina percepção daquilo que, talvez impropriamente, chamamos realidade (porque, de início, as “realidades” são várias).

A caixinha é uma espécie de casinha habitada por um fortíssimo soldado-protetor, um policial que, certamente, não é corrupto. No filme, que tampouco mostra o tal policial infrafísico e ultraviolento, sangue não aparece, apenas sacos pretos de lixo dentro dos quais se presume que estejam os repartidos pedaços dos dois bandidos. As porções de homens, acondicionadas sem exibição de carne, são colocados no rabecão: justiça foi realizada e o mundo pode voltar a funcionar em sossego.

Evidentemente, estamos no reino das fábulas, inicialmente coletadas (ou coletadas e retrabalhadas) pelo grego Esopo – que pode ter sido escravo – , junto ao povo simples da Grécia Antiga.

Em novela mais recente (“Os mistérios do Mundo Negro”), em um “estranho satélite artificial situado nos confins do Sistema Solar” (naves e estações espaciais de filmes notáveis como 2001 – Uma odisseia no espaço e Solaris vem imediatamente à nossa mente), um cachorro negro ataca, todas as noites, em sonho, uma das personagens.

Dezenas de teorias poderiam ser evocadas quando se tentasse “dar conta” de semelhantes “símbolos-fenômenos”. As psicanalíticas, por exemplo. Pesadelo? A Interpretação dos sonhos, de Freud, pode ser trabalho científico imediatamente invocado. Uma espécie de objeto transicional (D. W. Winnicott) imagina-se que seja (como se sabe, o objeto transicional, de Winnicott, é o objeto simbólico da figura materna) a pequena e misteriosa boceta – calma, não se trata da caixinha de metal, madeira, couro, resina, marfim (ou outro osso) ou plástico, utilizada para guardar rapé! – de Dona Mirtes: mães viram feras violentas na defesa de suas crias, como não seria ocioso lembrar.

Isso, aliás, se não trouxermos à baila A poética do espaço, de Gaston Bachelard, nas páginas impressionantemente dedicadas à descrição que Henri Bachelin concentrou sobre a casa rústica, de sua infância, de uma povoação do Morvan (França). [Por falar em França, hoje, em Paris, na magna Data Nacional, na Av. dos Campos Elíseos, houve, enquanto estávamos redigindo o presente texto, a chegada do Tour de France, a fabulosa competição anual de ciclismo, transgaulesa.]

A caixinha de Dona Mirtes funcionava como uma espécie de casa do Morvan, de Bachelin? Talvez. Como assinalou G. Bachelard – afirmando que se trata de passagem essencial –, escreveu Bachelin (p. 79): “Eram horas em que com força, juro, eu nos sentia como que eliminados da cidadezinha, da França e do mundo. E eu me enchia de prazer – guardava para mim as minhas sensações – quando nos imaginava vivendo no meio dos bosques numa cabana de carvoeiros bem aquecida: eu gostaria de ter ouvido os lobos aguçar as unhas no granito sem fim da soleira da nossa

porta. Nossa casa fazia para mim as vezes de cabana. Nela eu me sentia seguro contra a fome e contra a sede. Se eu tremia, era só de bem estar.” Evocando seu pai, como lembra Bachelard, em romance escrito na segunda pessoa, prossegue H. Bachelin: “Bem escorado na minha cadeira, eu me embestia no sentimento de tua força”.

Se na protetora casa de infância de Bachelin o predador estava fora do cubo, na caixinha do conto magistral de Carqueija, o “lobo” é fiel, protetor, e estraçalha o inimigo boçal: é, como se poderia coloquialmente afirmar, um “Alien do bem”. Ele salta de dentro daquela “casinha de bolso”, faz o que deve fazer, é recolhido – e a caixinha é guardada na bolsa, objeto que a essa altura do relato já é a casa da caixinha, vale dizer que não se trata mais de uma bolsa comum. Dona Mirtes volta para a sua residência (a “casa de todas as casas”), com as postas de repelentes bandidos sendo rapidamente recolhidas pelo funcionários do Instituto Médico Legal.

E o que surge, espetacularmente, nesta nova novela (A Batalha do Poder) – admirável, um trabalho literário de maturidade – de Miguel Carqueija? Um faisão verde que era uma mulher. O faisão verde é, estranhamente, A faisão verde. Nada se contará, neste momento, sobre a novela, porque o Posfácio só aparecerá depois de terem sido lidos todos os capítulos d'A Batalha do Poder. Neste novo mundo inter e transmidiático, o da Internet, as coisas passam a ser assim: podemos escrever sobre uma narrativa (felizmente) já lida, uma vez que ele, o Posfácio, pode ser divulgado apenas depois de ter sido postado o último capítulo do texto sob estudo!

Como esta novela será divulgada, em capítulos, na Internet, antes de executar a necessária tarefa de introduzir elementos de uma futura exegese da extraordinária personagem faisão verde – e o verdadeiro estudo em profundidade da faisão verde poderá ser empreendido por estudiosos com aparelhamento teórico mais requintado do que o meu (mas a simples introdução/Posfácio farei, espero) –, que constará em seguida ao último o capítulo do livro, transcrevo a apresentação de Os mistérios do Mundo Negro, que bem sintetiza a respeito de Miguel Carqueija e sua respeitável obra literária:

“(…) Miguel Carqueija [é] um dos mais freqüentes colaboradores do Hiperespaço enquanto fanzine, sendo este o quarto trabalho do autor neste formato – os anteriores foram A âncora dos argonautas (1999), número 2 da primeira fase da Coleção Fantástica, e A Esfinge Negra (2003), número 2 da segunda fase da mesma coleção, a As luzes de Alice (2004), com a aventura que antecede a desta coleção.

“Miguel Carqueija é carioca, bancário, com muitos trabalhos publicados em jornais, revistas, livros e fanzines. Sua ficção é conhecida como positivista e construtiva, com previsões favoráveis para o futuro da humanidade. Gosta de trabalhar com personagens femininas bem construídas, instaladas em universos com referências à cultura pop, aos quadrinhos e ao mangá, assim como apropria-se, muitas vezes, do rico universo criado pelo cultuado escritor americano H. P. Lovecraft.

“Desta vez, Carqueija contou com o reforço de Gabriel Coelho [o texto ora resenhado, cuja conclusão estará no Posfácio, é obra apenas de M. Carqueija], escritor carioca de 22 anos que colaborou na concepção da história. Gabriel tem trabalhos publicados nos sites contosfantasticos.com.br e redecomics.com.

“Os mistérios do Mundo Negro é uma aventura de ficção científica tétrica, mística e muito bem humorada, e pode ser lida independentemente de As luzes de Alice, sem qualquer prejuízo.

Boa leitura. O Editor” (Os mistérios do Mundo Negro, pp. 3 – 4)

Na medida em que pretendo me deter na personagem Faisão Verde no Posfácio cuja elaboração ora anuncio, devo, imediatamente, mostrar o resultado – muito interessante, como se pode a seguir constatar – de entrevista a este Pré-Posfácio concedida por Miguel Carqueija. Passo a esse (modéstia à parte, importante) resultado, com a satisfação de quem conseguiu extrair do Autor da novela preciosas informações literário-construtivas e “conteudísticas”.

1) MIGUEL, VOCÊ PODERIA DIZER QUANDO E COMO SURTIU ESSA IDEIA DA FAISÃO VERDE (estória e personagem), POR FAVOR?

M. CARQUEIJA - Essa estória foi iniciada na década de 1970 - provavelmente em 1976 - deixada incompleta durante muito tempo, finalizada na década de 80 e deixada para trás, sem publicação, porque eu a considerava insatisfatória; só agora, depois de revisá-la totalmente, resolvi liberá-la para publicar. Assim, o processo criativo dos personagens, inclusive a "Faisão Verde" - obviamente um pouco inspirada no Zorro e no Batman - já ficou bem para trás na minha memória.

2) HÁ INFLUÊNCIAS IMEDIATAMENTE PERCEPTÍVEIS NA INVENÇÃO DESSA EXTRAORDINÁRIA PERSONAGEM QUE É A FAISÃO VERDE?

M. CARQUEIJA - Sempre preferi criar heroínas em vez de heróis, quebrando a rotina e quase tabu que havia mesmo na ficção científica. Naquele tempo eu não acompanhava mangás e animês, portanto não houve influência das Magic Knights, Sailor Moon e outras personagens que ainda eram futuro. Ela também não se parece com a Mulher Maravilha e outras super-heroínas norte-americanas. A influência maior talvez seja de estórias libertárias de Robert Heinlein e Clifford D. Simak.

3) OS ACONTECIMENTOS DA TRAMA QUE ENVOLVEM A FAISÃO VERDE SÃO, NO SEU ENTENDIMENTO, PREVISÍVEIS OU SURPREENDENTES?

M. CARQUEIJA - A trama não se passa na nossa Terra, mas numa Terra alternativa, com outros países. O totalitarismo é uma ameaça permanente. Quanto às formas de energia envolvidas, elas divergem da bomba atômica e da radioatividade; o controle sobre os fenômenos da Natureza é algo que se pode cogitar; infelizmente na estória é usado para fins bélicos.

4) GOSTARIA DE DIZER MAIS ALGUMA COISA SOBRE ESSA SUA NOVELA (A Batalha do Poder) ou, ainda, sobre a sua narrativa anterior (Os mistérios

do Mundo Negro, também de 2011), construída em regime de co-autoria?

M. CARQUEIJA - Digamos que a Lena representa a velha tradição de Robin Hood, Guilherme Tell e outras figuras lendárias do combate á opressão. O livro "Os mistérios do Mundo Negro" [NOVELA ANTERIOR, RECENTEMENTE LANÇADA EM MEIO IMPRESSO, NO RIO DE JANEIRO-RJ], feito em co-autoria com Gabriel Coelho, prossegue com as aventuras da clarividente Alice Chantecler, personagem que apareceu pela primeira vez há sete anos, na novela "As luzes de Alice". Já está iniciada uma terceira estória com essa heroína. Na segunda estória, principalmente, são dadas algumas dicas intrigantes sobre o satélite artificial conhecido como Mundo Negro, situado na órbita de Plutão e cuja finalidade é misteriosa. O texto dá a entender que, afora os incidentes sobrenaturais ali verificados, também existem atividades ilícitas no satélite, que a administração se preocupa em ocultar, e que Alice suspeita, mas ainda não interferiu com isso, pois a sua preocupação, até aqui, foi combater os poderes das trevas que se desencadearam no Mundo Negro. Na terceira estória deverão ser desvendados mais segredos da estação espacial.

Miguel Carqueija, ao lado de outros consagrados escritores como Braulio Tavares, Simone Saueressig, Tibor Moricz – e de cem por cento atualizados e argutos estudiosos de FC, como Eduardo Torres (atual presidente da CLFC – Clube de Leitores de Ficção Científica) – e vários outros, é um mestre da literatura fantástica do Brasil, em sintonia com o que se faz, na área, de mais bem engendrado, criativo e divertido em todo mundo, hoje.

Obrigado mais uma vez, Miguel, e – como já desejou o seu editor Cesar Silva, então escrevendo sobre Os mistérios do Mundo Negro – boa leitura, leitores.

O Pré-Posfaciador (continua no Posfácio, onde abordarei exclusivamente a verdadeiramente espantosa personagem Faisão Verde).

Brasília, 14 de julho de 2011

(Este texto introdutório é dedicado, com saudade, às memórias das seguintes personalidades, que infelizmente não estão mais entre nós: Luiz Lopes Coelho, Earl Derr Biggers e Ulysses Bittencourt [meu pai, que foi um leitor fiel dos citados escritores: L. L. Coelho e E. D. Biggers] – e a todos os parisienses que residem ou residiram no 14^e arrondissement de la Ville de Paris, onde passei, em 5, Rue du Cange, uma terça parte de minhas férias de julho de 1979 – quando era colega de M. Carqueija, no Banco do Brasil [Bairro do Andaraí, Rio-RJ] –, em apartamento gentilissimamente emprestado – e não alugado – pela sempre lembrada Mme. Gillette Houssemaine [por solicitação do primo-irmão Rafael Mário Hime, pianista e professor de música, que mora em Paris], uma senhora francesa que estava na Dordonha, sendo Mme. G. Houssemaine uma veneranda matriarca do interior do Département de la Dordogne [naquela época, radicada em Capital Francesa], produtora de vinhos artesanais e outras especialidades da Região [Région Aquitaine], que se tornou viúva durante a II Guerra Mundial, em razão do falecimento de seu esposo, assassinado pelo Exército inimigo, então instalado em Território Francês.)

(*) – Flávio Araujo Lima Bittencourt, mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP; servidor público federal (IPHAN / MinC – DF); ex-professor de Comunicação Social da rede de Ensino Superior, particular, de Brasília; ex-funcionário [colega, por quase duas décadas, de Miguel Carqueija] do Banco do Brasil S. A.; sócio-correspondente do IGHA – Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas; colunista do portal Entretextos, www.portalentretextos.com.br.

Introdução

Apocalipse

Depois que as fúrias se soltaram, as torneiras do céu se abriram e o mundo foi tomado pelo caos primitivo, eles se arrastaram pelas rochas agudas, fustigados pelo vento cortante e pela chuva torrencial, iluminados pelo clarão dos relâmpagos que sem intervalo riscavam os ares, sacudidos pelos incessantes abalos sísmicos, ensurdecidos pelos trovões, perseguidos pelos projéteis lançados por vulcões em erupção, desviando-se das fendas que se abriam no solo crestado, esquivando-se aos bandos de animais em polvorosa e fugindo às bolas de fogo que vinham de todas as direções, buscando o refúgio que esperavam ainda seguro, o castelo no planalto. Parando um instante para tomar fôlego em meio a todo aquele pandemônio, Riní desabafou:

— E tudo isso ainda não é nada, se nós fracassarmos!

Capítulo 1: O trem

Chovera durante a madrugada e agora nascia em Glória um dia radioso de sol e cores, com o arco-íris magnífico sobressaindo na paisagem. Debruçada na varanda do dormitório Lena observava o horizonte, com o pensamento distante. Em seus olhos grandes e verdes parecia estar o reflexo do arco-íris. Então alguém encostou ao seu lado, na balaustrada.

— Em que pensa, Lena?

— Penso em quem não está mais visível para nós...

— Eu estou preocupada com você. Porque você está com jeito de ideia fixa. E isso não é saudável.

— Não é bem isso, Rita. Mas... uma ideia, apesar de tudo. Sabe...

.....

Na pracinha cercada por espigões de 30 a 60 andares havia apenas um homem, com a cara vestimenta constituída de jaqueta, calças com cinto em lugar de suspensório e sapatos de fibra com meias; trazia uma pasta de couro, que deixara aberta a seu lado no banco de pedra, e examinava documentos. De vez em quando fazia alguma anotação.

Na civilização de Lemuel havia pouco lugar para distrações. Mesmo num banco de praça, convinha trabalhar.

Lorne observou e comparou diversos relatórios. Um deles, por exemplo, dizia:

"Convém que as famílias aí residentes sejam retiradas dentro de sessenta dias no máximo, pois a partir desta data o empreendimento, se não estiver iniciado, começará a dar prejuízo."

— Bonito — disse Lorne de si para si. — Não interessa saber se essas pessoas têm para onde ir.

Há pouco, na repartição, Julius lhe confiara:

— Escute, Lorne, deve haver algum meio de entrar em comunicação com os Rebeldes. Se eu soubesse bem que me juntaria a eles. Já estou cheio disso.

— As últimas execuções devem tê-lo aborrecido — disse Lorne com ar grave.

— Aborrecido! Estou é enjoado! Você esquece que até amigos meus já foram mortos...

— Olhe, eu acho melhor você manter a cabeça fria. Afinal, você ainda está vivo.

— Sim, E enquanto os outros morrem, eu vou me sentindo cada vez mais como um covarde.

— Bem... para entrar numa dessas são precisas condições... não é fácil, Julius. Você tem sua mãe e não convém... nem mesmo falar certas coisas.

E agora, no banco, Lorne pensava:

"Se ele soubesse que eu próprio sou um Rebelde; que o golpe está sendo armado a cada dia que passa, e que juramos não passarão dois anos sem a libertação do país... mas também não podemos convocar qualquer um, que não tenha certas aptidões ou que possa mesmo ser um agente provocador, um espião..."

Levantou-se e caminhou em direção à sua casa, situada a pequena distância. No portão de entrada o mordomo comunicou:

— Senhor Lorne, o Senhor Riní chegou. Está com Dona Marilú.

— Obrigado, Tody. Era do Riní que eu precisava mesmo.

Mas Riní não estava satisfeito, como Lorne logo viu. Ele se ergueu, interrompendo um chá com bolinhos, e avançou para falar com Lorne. Riní era um rapaz sardento e dinâmico, que punha em movimento os assuntos que lhe caíam em mãos. Lorne gostava muito dele: sabia que Riní não temia arriscar a vida para cumprir o dever.

— Lorne, acho que as coisas não andam muito bem.

— Isso eu já sei há tempos. Por que você acha que nós formamos esse grupo?

— Não brinque, eu já estive falando com a Marilú... não podemos fazer nada pelo Tousand.

— E por que não?

— Ele será trazido num trem especial, com cinquenta guardas e proteção eletrônica da melhor espécie. Um trem só para ele, entende? Um vagão e a locomotiva. E uma vez no Triângulo ele não poderá ser resgatado. É demais para nós.

— Bem. Rezaremos por sua alma.

— Mas há mais. Nossas sabotagens tornam-se cada vez mais impossíveis. Sabe você que até os armazéns de beira de estrada estão sendo equipados com aparelhos diabólicos? Imagine você: nossos homens chegam e iniciam o assalto. O sujeito lá tem um equipamento implantado sob a pele, na região da bacia. Um chip eletrônico. Bastará fazer um determinado toque, para acionar autômatos que atacam o nosso pessoal. Percebe?

— Não percebo muito bem. Como é que esses autômatos saberão exatamente quem atacar?

— Isso eu não descobri, mas deve estar tudo previsto. Ou talvez eles não se importem muito de matar gente inocente...

— E outra coisa. Como é que o cara com o botão implantado não o acionará por acaso, ou mesmo durante o sono?

— Acho que não poderão evitar certos acidentes. E daí?

— Mas, Riní, e que mais você tem a dizer? Nossa causa poderá ser atrasada por causa disso?

— Atrasada? Eu sei lá se a nossa causa tem futuro!

— Nós combatemos o anti-humanismo, não se esqueça. Um tipo de regime antinatural e cruel... que não pode prevalecer. Não há lugar para o desânimo. Só que eu acho que não se deve, simplesmente, assaltar lojas.

— Lojas do governo, lembra-se?

— Isso é burrice ou banditismo, Riní. Os empregados dessas lojas são pessoas honestas, que estão ganhando a vida e servindo ao povo. Inclusive você.

— Não são tão honestos assim.

— Alguns, talvez... isso não importa.

— Mas nós precisamos de fundos para as nossas operações!

— Esses fundos têm que surgir de algum jeito, mas não com assaltos. Eu vou falar do assunto na próxima semana. Isso não é uma iniciativa da cúpula, você sabe. Há pessoas generosas e ricas que contribuem. Mas o meio que nós temos, para derrubar o governo, é atacando o seu arcabouço. Libertando os dissidentes, fomentando greves, roubando os documentos secretos... coisas assim.

— Fáceis de falar.

— Eu sei. Gostaria que fosse de outra forma.

.....

O trem se aproximava de Glória já com a noite fechada. Era mesmo impressionante a segurança: em cada janela um guarda, e guardas em guaritas especiais no exterior do vagão e da locomotiva. Um detetor daria o alarma se houvesse alguma bomba na linha. O trem era, além do mais, de estrutura fortíssima, capaz de aguentar até balas de canhão.

E, no entanto...

No alto da colina um vulto esguio observava com binóculo o veículo que se aproximava. Ocultava-se entra a vegetação e as rochas. Sua roupa era estranha: uma espécie de macacão e o rosto coberto por uma máscara verde. Trazia uma mochila às costas.

Calculou o tempo pelo relógio de pulso e desceu a colina rapidamente, em direção ao túnel que o trem teria de atravessar.

Havia uma curiosa rede de fios estendida pelo teto do túnel, presa nos altos e curvos postes de iluminação! A figura da máscara verde prendera uma das pontas por fora do túnel, na entrada que em breve receberia o trem; agarrando-se com as mãos enluvadas com luvas verdes, passou para o teto do túnel e para a penumbra que as lâmpadas de sódio, apontadas para baixo, pouco iluminavam. Do meio daquela teia, e entre a teia e o teto, a personagem, agora munida de uma pequena lanterna lenticular, afixada no meio da máscara, empunhou uma caixa preta semelhante a um aparelho fotográfico antigo, repleta de botões e com duas aberturas por onde saíam dois fios negros e fortes, que iam justamente compor a "teia de aranha" que sustinha a aparição a um metro e meio do teto! Não era uma cena desinteressante. Os fios enrolavam-se no alto dos postes, onde se sustentavam; uma das pontas prendia-se no lado de fora e outra numa das gretas do teto. Agora tentem entender: passava por dentro dos fios uma fiação finíssima ligada ao comando da caixa; os impulsos moviam as pontas, onde os fios entravam numa espécie de bolas maiores que grandes laranjas e onde havia pequenas portinholas que corriam para dentro, deixando sair uns apêndices que podiam entrar em coesão molecular com a rocha. A bola podia também fazer evoluções e saltos pelo

ar, arrastando o fio e enrolando-os nos suportes que encontrava — tudo dependendo de habilidosa digitação dos controles da caixa.

A pessoa na teia consultou o relógio-cronômetro e moveu os botões; fora, a bola soltou-se e entrou no túnel, agarrando-se ao teto. Em seguida a outra bola soltou-se e foi até o poste mais próximo, desenrolando o fio, e um pouco da fiação penetrou na caixa. E enquanto já se ouvia o apito da locomotiva, a operação prosseguiu rapidamente; cada vez mais diminuía a teia e as bolas prenderam-se, afinal, nos dois lados da figura, logo acima dela no teto, com os fios passando pelas suas axilas! A caverna já se enchia com as ondas sonoras empurradas pelo trem em disparada; um rápido movimento num botão, e uma das bolas soltou-se! A criatura da máscara ficou ainda suspensa por um dos fios, que passava por baixo da axila esquerda; um dispositivo plástico do alto da caixa fôra enganchado em seu ombro, evitando a queda que, se ocorresse, seria na frente do veículo. Então o monstro entrou com todo o seu ímpeto; dedos ágeis mexeram um controle e a outra bola soltou-se; o vulto caiu sobre o vagão, pois a locomotiva já havia passado. As bolas, que não faziam grande ruído, aderiram então à superfície metálica, evitando que o corpo resvalasse perigosamente; então a figura dirigiu uma das bolas para a junção do vagão com a locomotiva, retirou com a outra mão uma outra bola do bolso, presa por corrente ao cinto, fê-la aderir ao vagão e acionou a outra bola da caixa preta; e aquelas duas bolas seguiram pelas ligações metálicas, já agora com novos apêndices saindo pelas aberturas. A rapidíssima locomotiva ia já na pequena subida que antecedia a saída do túnel. E nesse ponto deu-se a separação! O vagão, inteiramente solto, recuou descendo a ladeira, enquanto a locomotiva, com metade dos guardas, lá se ia embora...

A descida não demorou muito: logo o vagão se estabilizou. Os guardas estavam perplexos, assustadíssimos: alguns chegaram a disparar suas armas ao léu, de puro pânico, desperdiçando munição.

Agora visualizemos um pouco o vagão. Com trinta metros de comprimento, sete de largura, com quatro janelas e quatro guaritas de cada lado, e mais duas guaritas na parte traseira. Ao todo dezoito guardas postados e sete no interior do veículo, mais um médico e quatro serventes de cozinha e limpeza. E o prisioneiro.

Máscara verde recolheu suas bolas e acionou-as agora de forma que finíssimos apêndices foram-se infiltrando pelas junções do vagão, inclusive

no alto das guaritas. Enquanto isso os guardas, em total confusão, gritavam, praguejavam e alguns já haviam saído do vagão. Os que olhavam para cima nada viam: teriam de tomar mais distância — impossível no túnel, no sentido da largura — para dar com a pessoa sentada no meio da estrutura.

— Que diabo está havendo?

— Não sei, Capitão! A locomotiva foi embora e nos deixou aqui!

— Mas isso é um absurdo! Como pode o vagão se ter soltado?

Olhou raivoso para Tousand, cujos olhos pareciam animados de súbita esperança.

— Crê que os seus amigos estão por aqui?

— Eu não creio nada, Capitão. Como eles poderiam fazer isso?

— Não sei, mas vou descobrir. Hugo, comunique-se logo com o Triângulo e chame a locomotiva. Por que ainda não fizeram isso?

— Senhor... nós já tentamos e não conseguimos.

— O que? Que é que você quer dizer com isso, homem?

— Que as nossas transmissões estão bloqueadas. Esse túnel...

— Besteira! Nossas técnicas já superaram há muito esses obstáculos! Tentem de novo e não me venham com desculpas!

— Pois não, senhor.

O sargento saiu. Nesse momento ouviu-se um estranho e forte ruído. Em tempo: o compartimento do prisioneiro não tinha uma verdadeira janela, mas telas panorâmicas que mostravam o exterior. Ficava bem no centro do vagão.

— Que é isso agora? — começou o capitão, mas logo emudeceu. Outros ruídos se ouviam agora. E através das telas panorâmicas o oficial e Tousand puderam ver, estarecidos, as guaritas que se haviam soltado e caído fragorosamente, bem como outras peças do trem, e viram as expressões assombradas e apavoradas dos guardas.

E a debandada...

— Voltem aqui, covardes! — berrou o capitão, ele próprio com um medo crescente. Voltou-se para Tousand, com a vaga idéia de matá-lo a tiros.

E Tousand já lá não estava...

Foi demais para o militar. Percebendo que novas guaritas caíam, pôs-se ele também a correr.

Em breve não havia ninguém mais no vagão, exceto a figura misteriosa que penetrou no seu interior e acionou o pequeno controle, fazendo mover-se o veículo em marcha-a-ré. Fora do túnel, Tousand ainda era visível, fugindo pelo matagal (detalhe característico: aparentemente todos os demais tinham fugido em direção à capital).

Máscara Verde saltou do mutilado vagão e correu em direção a Tousand. Este arregalou os olhos diante da aparição e aumentou a velocidade da fuga. Mas já estava enferrujado para tais exercícios e foi logo alcançado. Já não se via a estrada, oculta por grandes blocos rochosos.

— Pare, homem! Temos muita coisa para conversar!

Tousand estava apavorado e quase sem fôlego. Respondeu, arquejante:

— Mas quem é você?

A figura da máscara verde sorriu, mostrando dentes alvos.

— Pode me chamar de Faisão Verde — disse simplesmente.

Era uma figura mágica, surrealista. Com as mãos nos quadris, o porte altivo, o rosto oculto e dizendo-se o Faisão Verde, na escuridão da noite e naquele local ermo, e após aquela incrível cena do túnel. Não havia como não se impressionar.

— Faisão Verde? Mas... que quer dizer isso?

— Não há explicação. Só lhe resta aceitar-me como sou.

— Mas... você pertence aos Rebeldes?

— Não.

— Então o que deseja?

— Conversar com você. Descanse um pouco porque você correu muito; depois vamos começar a caminhar.

— Caminhar? Mas para onde?

— Não lhe ocorre que virão à nossa procura? Você teve bastante tempo para descansar e pode pegar uma boa caminhada. Recupere o fôlego e vamos embora.

— Mas eu não quero ir com você... deixe-me em paz, por favor.

O Faisão Verde agarrou Tousand pelo colarinho e forçou-o a sentar na pedra. O homem estava tão fora de si que nem ofereceu resistência.

— Professor Tousand — disse o Faisão Verde em tom de censura — salvei a sua vida e você nem me disse obrigado. Convenhamos...

— Desculpe-me. Sou-lhe muito grato, é claro. Mas foi tudo tão depressa! E tão incompreensível!

Tousand já estava bem alquebrado. Era magro, ossudo, de cabelos brancos. Se bem fosse um intelectual, não estava preparado para uma situação daquelas, que lhe pusera os nervos à flor da pele.

O Faisão Verde sentou-se a seu lado e esperou que o arquejar diminuísse.

— Já descansou?

— Estou um pouco melhor.

— Vamos então. Os guardas não correrão a noite inteira.

Não havia o que discutir, pensou Tousand. Se continuassem parados, o risco era imenso. Começaram a caminhar, o Faisão Verde tomando a iniciativa do caminho. Tousand principiou a observar melhor o seu salvador. Era quase alto, magro, empenado; parecia ágil e jovem.

Não se podia ver o seu rosto. Um capuz verde cobria-lhe a cabeça e a nuca e se prendia em seu pescoço; no capuz havia uma máscara verde. Eram visíveis o nariz, lábios e queixo, que apresentavam traços muito distintos.

A roupa era um macacão de tonalidade sombria, sapatos de lona e luvas verdes. Havia uma volumosa mochila nas costas.

— Afinal, quem é você?

— Professor, se eu quisesse que soubessem quem sou não usaria esse disfarce.

Era a lógica mais rigorosa, e Tousand tentou outra pergunta:

— Como você fez aquilo? Desmontar o trem daquele jeito?

— É uma boa pergunta.

Tousand sentiu-se exasperado. Como entender o que estava acontecendo? O Faisão Verde era deliberadamente enigmático. Parecia evidente que perseguia os seus próprios objetivos, pouco lhe importando o que os outros pensassem ou quisessem. O professor tentou mais uma pergunta:

— Mas afinal, para onde estamos indo?

— Por enquanto estamos apenas nos afastando do local. Quero fazer-lhe algumas perguntas.

"Pelo visto" — pensou Tousand — "o Faisão Verde não pode responder perguntas, mas pode fazê-las." E ele efetivamente começou a formulá-las:

— Diga, professor, o senhor de fato pertence aos Rebeldes?

— Para que quer saber?

— Pode me dar os nomes dos líderes?

— Mas eu não posso fazer isso... tenho antes que consultá-los.

Percebeu que inadvertidamente já admitira ser um Rebelde — coisa que insistira em negar no julgamento.

— Dê-me qualquer nome, então.

— Não posso fazer isso.

— E quais são os objetivos dos Rebeldes?

— Derrubar o governo, é claro.

— Sim, mas e depois?

— Depois?

— Pergunto o que colocarão no lugar do governo.

— Ora, um governo de Rebeldes!

— Mas que tipo de governo? Qual a sua base filosófica, a sua diretriz política, econômica, social, moral?

— Ah, não sei ao certo. Não entendo de política. Entrei para o grupo porque como professor sentia falta de mais liberdade. Eu espero que tenhamos o estado de direito, com a queda do Partido...

— Quais são os planos com relação à religião?

— A religião?

Tousand pareceu muito espantado. O Faisão Verde parou e encarou-o de repente.

— O senhor sabe que o Partido Iconoclasta sufocou a liberdade religiosa, da Igreja Católica, Judaísmo e outras confissões. O que pretendem vocês, Rebeldes, fazer com a religião?

— Não sei. Nunca fui religioso. Suponho que haverá liberdade de culto.

— Como eu poderia entrar em contato com os Rebeldes?

— Não sei. Eu tenho que consultá-los primeiro. Como poderia entrar em contato com você?

O Faisão Verde riu.

— Temos um impasse. Eu não vou confiar o meu endereço e você não irá confiar em mim. Como pretende chegar a um lugar seguro? Há algum aqui perto?

— Sei onde me refugiar, não se preocupe.

— Suponho que na casa de campo de Lorne Hurne?

— Hein?

Desta vez Tousand perdeu temporariamente o medo: agarrou o Faisão pelos ombros e sacudiu-o.

— Como soube disso?

O Faisão Verde defendeu-se, agarrando os braços do outro, sorriu e respondeu:

— Tousand, você é mau diplomata. Não sabe se controlar ou despistar. Admitiu depressa demais que Lorne é da organização.

— Como você soube?

— Eu tenho meus processos para obter informações. Assim, você comunicará a Lorne que eu desejo um contato com os Rebeldes. Agora pode ir. Já me cansei da sua companhia.

Tousand afastou-se a passo rápido, e como que em transe. O Faisão Verde ficou a olhá-lo e depois afastou-se em direção oposta.

Foi a primeira aparição do Faisão Verde.

Capítulo 2: O Chanceler

Aquele incidente ocasionou diversas consequências. Uma delas foi a surpresa de Lorne Hurne ao ver o amigo são e salvo, ainda que assustado. Tousand parecia ter-se entrevistado com medonhos fantasmas, a julgar pelo seu transtorno fisionômico. Demorou muito tempo a contar tudo, precisando tomar uma bebida e sendo muito puxado para falar.

Lorne teve a impressão de que o seu amigo estava delirando; mas o simples fato de estar ali, livre, já era espantoso.

— Nós já o dávamos como perdido.

— Bem, e que fará você em relação ao Faisão Verde?

— Você não tem outro nome para chamá-lo? Não gosto de coisas ridículas.

— Coisas ridículas! Você não viu com os seus próprios olhos!

— Bem, não vamos discutir isso. Você terá de ficar aqui por algum tempo. Escondido, sem sair de casa. Todo o pessoal aqui é de confiança. Se vier algum estranho você não aparecerá. Terá de ser assim.

— É claro. Tenho amor à pele... mas lamento incomodá-lo.

— Ora, você faria o mesmo por mim.

— Você ainda não respondeu minha pergunta.

— E que posso dizer? Não sei como entrar em contato com esse tipo.

— Ele deverá aparecer... a qualquer hora.

— Mas não com a tal fantasia, espero. Se viesse bater aqui desse jeito, em quinze minutos estaríamos todos encanados.

— Eu não imagino como ele fará. Afinal, também não irá tirar a roupa e mostrar quem é.

— Acho melhor discutirmos isso depois. Vou ter que sair agora.

.....

Era domingo e, não obstante, dia de trabalho normal em Lemuel. O feriado de fim-de-semana fôra abolido há anos, bem como todos os feriados históricos — não relacionados com a Revolução — e religiosos. É verdade que o descanso semanal ainda existia, mas numa escala de revezamento com poucas possibilidades de escolha da parte dos funcionários. Apenas a alta cúpula do governo, bem como os governos estaduais e municipais, mantinha, por comodidade, para melhor concatenação, o feriado rígido aos sábados e domingos.

Hurne, homem de princípios religiosos, sentia repugnância em trabalhar aos domingos, mas não tinha escolha. Trabalhava porém, naquele dia, meditando o estranho mistério do Faisão Verde e como aquela aparição poderia influenciar o futuro do país.

.....

O Chanceler Saturnino, homem cadavérico e com olhar de peixe morto, ergueu-se e fitou, do outro lado da escrivaninha, o Capitão Marte.

— Espera que eu acredite em tudo isso?

— Não esperaria, senhor, se não contasse com o testemunho de meus homens.

Saturnino pegou um isqueiro-laser e acendeu seu cigarro.

— O trem desmontado é realmente algo de inaudito... mas eu não posso crer que tudo se resume a isso. Que nada mais vocês saibam. Ou estou lidando com um bando de covardes?

— Senhor, se estivesse lá...

Arrependeu-se, no mesmo instante, pelo que dissera.

— Teria corrido também? É isso que você pensa?

— Desculpe, Senhor Chanceler. Estou perturbado.

— Isso eu já notei. Pois bem. Mandarei fazer o mais minucioso exame que for possível do túnel, do vagão, da locomotiva, de tudo. Se for comprovado que os Rebeldes dispõem de uma arma secreta tão poderosa, não nos restará outra alternativa senão aumentar a repressão. Procure o Professor Iantok e vá com ele e seus auxiliares para fazer o exame. Mantenha em quartel todos os homens que participaram da operação. Você assinará o relatório junto com o professor, entendeu?

— Entendi, senhor.

— Pode ir!

Depois que Marte saiu, Saturnino aproximou-se da janela oval e fitou contemplativamente a prateada Cúpula Energética.

A insatisfação do povo e as ações cada vez mais atrevidas dos Rebeldes estavam colocando o regime de Lemuel contra a parede. Mas era uma parede perigosa, pensou Saturnino.

.....

E a opinião pública?

O caso não podia ser totalmente abafado, mas os detalhes mais extravagantes foram ocultos. Os morcegos frugívoros que habitavam o túnel sabiam mais que o cidadão comum que comprava o seu jornal nas bancas eletrônicas.

“ATAQUE TERRORISTA DOS INIMIGOS DO POVO”

A manchete do “Revolução” antecedia uma série de afirmações mirabolantes, forjadas às pressas.

“Elementos traidores, infiltrados na guarda, fizeram parar o trem que conduzia o inimigo do povo Tousand ao Triângulo, e através de alucinações provocadas por drogas, colocadas na bebida de seus companheiros, conseguiram aterrorizar os vigilantes fiéis à República, e que eram a maioria. Embora tenham dado fuga ao criminoso, os guardas traidores, cujos nomes estão sendo mantidos em sigilo, foram presos e responderão pelo que fizeram.”

— Aposto em como nada disso é verdade — comentou Tody de si para si, após ler as notícias.

Capítulo 3: As filhas dos cientistas nem sempre são personagens inúteis.

Não há mistério.

Havia um cientista, Stopenhouse, que desenvolvia experiências revolucionárias sobre a utilização prática de formas sutis de energia. Suas idéias políticas eram visceralmente contrárias às do Partido, e ele não possuía a necessária prudência.

Quando achou que devia tomar certas providências já era quase tarde. Mas conseguiu entregar os segredos codificados antes que alguém se apossasse deles. Foi executado apenas por “atividades políticas subversivas”, aliás sem ter chegado a entrar em contato com a facção clandestina dos Rebeldes.

E Lena herdara os segredos.

.....

A própria existência de Lena, como filha de Stefânio Stopenhouse, era um segredo.

A mãe de Lena era morta há muitos anos e não se casara com Stopenhouse — homem estranho, anti-social e pouco dado a sentimentos profundos. Na velhice mantinha uma certa ternura com a filha, por remorsos pela forma nada recomendável como tinha agido, no passado, em relação à mãe da garota. Por não ter assumido uma família, por demais preocupado que estava com a Ciência. Esse remorso cresceu com o tempo e sempre o perseguiu, até torná-lo displicente e desgostoso com a própria vida.

Lena herdara o seu espírito científico, mas sua personalidade era bem diferente.

Em primeiro lugar, era adepta da luta até a morte, se preciso fosse, em defesa de ideais que a sua consciência reputasse justos. Em segundo lugar era uma pessoa dinâmica, capaz de tomar iniciativas e levá-las adiante, arrostando riscos e beirando pela temeridade. Em terceiro lugar possuía um raciocínio prático muito ágil, de modo que as elucubrações científicas jamais a tirariam da realidade perigosa do dia-a-dia. Havia uma missão a cumprir, e os segredos, relacionados com o domínio de formas de energia, davam-lhe acesso a um poder incomensurável e incompreensível.

A criação do Faisão Verde foi o resultado de tudo isso. Lena buscara uma aparência e uma denominação que raiassem pelo ridículo, para desnortear bastante os seus inimigos. Quanto à primeira missão, parecera-lhe evidente: libertar o cientista condenado á morte.

Já vimos como foi bem sucedida.

Capítulo 4: Iantok

Saturnino fitou o homem barbudo, cabeludo e bigodudo à sua frente. Se usasse máscara, Iantok talvez não disfarçasse melhor sua verdadeira fisionomia.

— Então? — disse o Chanceler, seco como Javert (*).

— Acredito de antemão que o senhor não dará crédito ao que eu tenho a dizer.

— Oh, pelas estrelas! Se eu não lhe acreditasse acha que o encarregaria da investigação? Desembuche.

— Bem, Chanceler. Esse trabalho foi feito por uma só pessoa.

— Que?

— É o que eu lhe digo.

— Estou pronto a acreditar, visto que o caso é tão estranho. Mas que provas você tem?

— Examinei tudo, com minha equipe. Desde os pragais que rodeiam o túnel, até o interior dele. O palerma do Marte ajudou bastante, ele é um homem de inteligência limitada mas fiel e trabalhador, pode crer.

— Sei disso. Continue.

— Ora bem: examinei particularmente o telhado, por assim dizer, do trem. Só encontramos microvestígios de tecidos que revelam uma única pessoa, que se pendurou no teto da caverna e na hora certa pulou sobre o comboio. Agora, a maneira como o trem foi desmontado, serei franco: revela uma tecnologia que me escapa completamente.

— Não tem nem uma pequena idéia?

— Tudo que posso dizer é que foram desfeitas as conexões que faziam do vagão uma coisa compacta, unida. Os rebites, os parafusos, soltaram-se e as guaritas caíram ao chão. Como pode ter sido feito isso em poucos minutos é algo que não posso imaginar.

— Não mesmo? Que espécie de cientista você é?

lantok dificilmente aturaria essa espicaçada de outro homem que não fosse o chanceler.

— Posso formular hipóteses, senhor. Um campo energético teoricamente poderia ser empregado para mover objetos sólidos e produzir descoesão molecular, descompressão ou movimento desatarrachatório, mas empregar uma tal força com inteligência sobre vários objetivos determinados... de qualquer forma eu não conheço o aparelho capaz de gerar um tal feito. Certamente não foi obra de magia negra.

— Nem negra, nem roxa, nem verde. É uma invenção secreta, então?

— Isso, Chanceler, é uma conclusão lógica. Mande usar o soro da verdade em todos os prisioneiros políticos. Se alguém souber alguma coisa, não deixará de falar.

— Farei isso. É a primeira sugestão aproveitável que eu recebo desde que começou essa história.

— Não sou cientista há quarenta anos para me revelar um inútil quando o Chanceler precisa de mim.

— Diga antes o Estado. Não precisa me adular. Agora eu quero também que você reproduza os fenômenos. Essa é uma arma que nós precisamos ter.

Pelos olhos de Iantok passou uma sombra de aborrecimento, mas ele não se deu por achado:

— Muito bem, senhor.

— Crê que pode fazê-lo em quanto tempo?

— Terei de fazer um relatório pessoal definindo tudo o que tiver de reproduzir e reunir uma equipe específica...

— Eu sei disso. Você tem dezenas de cientistas a seu serviço; escolha quem precisar mas não forme equipe muito grande. Não vamos espalhar muito esse assunto. Mas eu quero domínio sobre essa tecnologia. Agora responda ao que eu perguntei.

— Se o senhor puder me conceder dois anos...

— Dois anos? Tem certeza de que não quer logo vinte ou trinta?

— Senhor — disse o pesquisador, com estudada dignidade — não sabemos quantos anos foram necessários para que o personagem misterioso dispusesse das armas que usou. Provavelmente mais de dez.

— Está bem. Dois anos. Mas isso é o prazo máximo que eu lhe dou. Muito antes disso começarei a cobrar resultados.

— O senhor os terá.

Ao se retirar da audiência, Iantok estava, quanto a essa última observação, muito menos convencido que o próprio chanceler.

(*) O terrível inspetor de polícia em “Os miseráveis”, de Victor Hugo.

Capítulo 5: Lena

A vida num pensionato de moças, enquanto exercia um cargo de

holodigitadora, era um estorvo para Lena. A posse de um pequeno apartamento, de propriedade do pai, fôra quase a única herança afora os segredos científicos. Houvera uma terceira herança: alguns milhares de partidários (*) que, se preciso fosse, poderiam sustentá-la durante meses. Lena não soubera em tempo hábil até que ponto o cerco se fechava sobre Stopenhouse, e a sua própria existência poderia então ter sido descoberta, bastando para isso um pouco de azar. Mas fizera-se a transferência de informações sem que o Partido desconfiasse. Oficialmente, Stopenhouse não tinha filhos.

Ao deixar o pensionato Lena vira-se na posse de um reduto, onde o essencial permanecia escondido de olhos bisbilhoteiros; e um reduto inicial era o ponto de partida. Então era necessário um sistema completo de proteção, de precaução; inclusive em relação à vizinhança. Transformar o reduto num fortim, numa fortaleza, ou mudar-se para um melhor; esse o seu plano imediato. Isso e o aperfeiçoamento de seus poderes.

A arquitetura lemueliana era uma coisa “sui-generis” e Gloria podia orgulhar-se de ser uma cidade bastante estrambótica, com seus edifícios-quarteirões circulares e vitrificados. Lena morava num desses edifícios, no apartamento 304, que poderia abrigar um casal com filhos. O receio de ser um dia descoberta impedira-a, a princípio, de adotar um cão de guarda; e submetera o seu reduto a uma minuciosíssima inspeção, detalhista até o nível alucinatório.

A forma cupular de tais prédios, que predominavam em alguns bairros de Gloria, trazia estranhas características àqueles apartamentos: mais numerosos em baixo, reduzindo-se a dois na cúpula, ou somente uma cobertura com teto transparente, mas escamoteável a olhares por um teto corrediço interno. No edifício de Lena eram cinco os andares e no seu próprio andar existiam quatro unidades, cada qual ocupando 90 graus da circunferência, sendo o teto mais estreito que o soalho.

Para a rua existiam duas janelas corrediças, embutidas, com a forma retangular alongada típica de tais construções; uma no quarto e outra na sala. A porta de saída era apenas uma, na saleta de entrada, detalhe que reduzia em muito as garantias do refúgio. Assim, Lena concentrava sua atenção na manutenção de sua incógnita e na capacidade potencial de resistir a um ataque.

Para tanto era indispensável a tecnologia secreta herdada do pai. Por exemplo, a “lanterna apagadora” que polarizava numa direção os raios solares e podia colocar um aposento às escuras num abrir e fechar de olhos.

A incursão que libertara Tousand dera-se ainda nessa fase inicial, mas não pudera ser adiada. Um ataque ao Triângulo, sozinha, seria no mínimo dez vezes mais arriscado que a abordagem do trem, no túnel, com aquelas armas fabulosas que puseram a guarda em polvorosa. O Triângulo, porém, era um osso mais duro de roer.

Voltando ao fio da meada, Lena sabia que existiam cinco apartamentos em baixo e três em cima, portanto as paredes divisórias não podiam casar perfeitamente de andar para andar. Em cima de seu alojamento existiam, portanto, trechos de dois apartamentos. Porteiros não haviam; era um tipo de luxo pouco comum naqueles tempos.

Seu próprio apartamento, bastante funcional, tinha apenas um quarto completo, e um quarto de crianças (ou quartinho como chamavam) porque se considerava que uma criança precisava de menos espaço, com direito apenas a uma janela para o poço interno, de vidro irremovível e com orifícios para o condicionamento de ar. Tendo em vista o devassamento mútuo, tais janelas de poço costumavam permanecer cerradas. O quartinho possuía ainda duas portas, uma dando para a saleta e outra para o quarto. Cozinha, copa e banheiro formavam uma ala à parte, sem janela para o exterior e ligadas por um corredor situado entre estas dependências, à direita de quem entrasse, e a sala e saleta.

Área simplesmente não existia, nem havia porque a existência de tanque, coisa fora de uso em Gloria.

Como fazer de um refúgio tão medíocre o quartel-general de uma super-heroína? A pretensão de Lena não era propriamente reproduzir os ridículos personagens dos velhos quadrinhos, risíveis na concepção e nas aventuras, mas desenvolver na vida real e de maneira lógica a idéia-base de uma pessoa que, por dotar de meios extraordinários, pudesse enfrentar a seu modo a máquina do crime ou, no caso, da opressão.

Isso mesmo Rita lhe perguntara:

— Não foi fácil acreditar que você libertou Tousand. Mas você se arriscou muito!

— Com a ciência de meu pai, não foi tanto risco assim.

— Você tem um temperamento muito bizarro, Lena. Acho que você não tem medo de nada, não é mesmo?

— Creio que não. O máximo que podem fazer comigo é me matar.

— Perdão, mas não é o máximo. Existe a tortura. Podem ser feitas coisas horríveis com uma pessoa. Coisas que eu não quero nem falar.

— Sei que podem fazer coisas bastante injucundas. Por isso o importante é não se deixar pegar... nunca. E fazer-se matar em último caso. Ah, sim: não estou me referindo a suicídio, isso é contra a lei de Deus. Refiro-me a lutar até a morte, se isso for preciso.

— Mas nem sempre é possível.

— Não... em circunstâncias normais. Entretanto eu possuo armas que me tornam quase impossível de ser capturada viva. Se essas armas pudessem ser multiplicadas teríamos como organizar um exército capaz de enfrentar o califa de Lemuel.

Rita passou os dedos na glabella, em gesto meditativo.

— Por isso é importante falar com os Rebeldes!

— Mas tenho a impressão de que seria prematuro entregar a eles semelhante poder. Pense bem, Rita: não é fácil reproduzir todo esse material e se fossem despertadas suspeitas tudo poderia ir por água abaixo.

— Teríamos de ir com calma. Primeiro o Lorne, é claro. Foi uma sorte saber que ele é do grupo, senão não disporíamos de pista alguma.

— Foi só ele, ou quase, que o meu pai soube... coitado! Tudo teria sido diferente se ele tivesse mais malícia.

Rita recostou-se na poltrona.

— Você quer mesmo que eu more aqui?

— Uma pessoa sozinha atrai muita desconfiança. E você é a única pessoa em quem posso confiar, nas atuais circunstâncias... e que posso trazer até aqui.

— Há mais alguém?

Lena fixou o olhar num estranho quadro que representava uma sigilária, tipo de planta fóssil do grupo dos fetos.

— Confio no meu diretor espiritual, mas esse é claro que não posso trazer para cá. E nem arriscá-lo... já são tão poucos os padres secretos!

(*) Moeda oficial em Lemuel

Capítulo 6: Lorne Hurne

Já não existem muitas casas luxuosas em Gloria. As poucas que existem são de altos funcionários do governo; entretanto a de Lorne é média e causa inveja. Tem cachorros, mesmo, para a sua proteção — coisa bem rara hoje em dia.

É por isso que o Faisão Verde hesita. Gosta de animais e não gosta de lutar com eles. Entretanto, o seu método requer uma incursão noturna ao reduto de Lorne. Abordá-lo de outra maneira seria revelar-se a si mesma.

Telefonar para Lorne seria loucura. Nunca se sabe a quem estão escutando. E os cachorros, se latirem, podem chamar atenção de alguma patrulha.

Lena medita.

Finalmente, após dias de planejamento, faz a tentativa.

A noite é a grande protetora da clandestinidade.

Lorne mora numa rua tranqüila e de pouco tráfego, no bairro Equinoderma. Ao se aproximar do portão, cerca de uma da madrugada, Lena usava uma roupa masculina ou unissex, e um boné escuro. Então, da mochila retirou rapidamente o que precisava e olhou em volta. Como não existissem cachorros visíveis no terreno ao lado, ela galgou o muro com facilidade; resolveu-se pela abordagem lateral. Já colocara a caixa preta no peito e acionou as bolas, que subiu até o alto do muro divisório entre as duas propriedades. A ausência de vida noturna, sob aquele insípido regime político-social, ajudava Lena. De noite em geral as pessoas dormiam. E agora ela já estava no alto do muro, com seu anulador de alarmes ligado.

Nada de pisar o chão do quintal, pensou Lena. Os cães não voam; é preciso atingir a casa por via aérea.

Também convém espalhar o fino pó anestésico pelo ar, com os mini-ventiladores. E rezar para que dê resultado com os cães, pois não foi possível fazer testes satisfatórios... a não ser em Rita. Como ela não é cachorro...

Logo Lena se encontra no telhado e usa a descoesão molecular para penetrar na casa. Afinal, não é tão difícil... para ela. Uma vez no sótão, pode agir com mais tranquilidade.

.....

A porta do sótão estava trancada, como seria de esperar. Lena observou em volta, com a lanterna frontal acesa. Nada de muito interessante para ela, afora umas pinturas a óleo num canto. O sótão era bastante asseado, mais até do que muitas salas de estar. Aquilo denunciava o trabalho de um pequeno robô serviçal, outro luxo, mais raro ainda que os canídeos.

O Faisão Verde utilizou então suas engenhocas para abrir a porta do sótão.

Ao fazê-lo cometeu o seu primeiro erro.

Nunca lhe ocorrera que uma casa pudesse ser tão bem resguardada, que até a porta de uma água-furtada para o interior da residência, ao ser forçada, acionasse um mecanismo de defesa.

Os seus ouvidos sentiram a campainha de alarma lá embaixo e o sensor do relógio indicou a presença de gás anestésico. Só que esse gás devia ser ejetado quando a pessoa intrusa estivesse ainda no ato de arrombar a porta. Ora, Lena não a arrombara: abria-a de forma heterodoxa. Assim mesmo o alarma havia funcionado.

“Que coisa. Um homem que toma tais precauções tem certamente algo a esconder”, pensou ela.

Descendo a escada rapidamente, Lena viu-se numa saleta com várias portas e resolveu acionar seu mecanismo de bolas para qualquer eventualidade. Súbito uma porta à sua esquerda se abriu e Lorne, de pijama, e apesar de toda a surpresa, apontava-lhe uma arma.

— Não se mexa — disse tranquilamente.

No segundo seguinte a pistolaser voou da mão de Lorne e colou-se a uma bola esvoaçante, presa à caixa preta de Lena.

— Acalme-se, Lorne. Temos de conversar pacificamente. Eu sou o

Faisão Verde.

.....

Mais duas pessoas apareceram. Uma mulher relativamente jovem e uma moça de avental, uniforme de doméstica.

Hurne fez-lhes sinal para que não gritassem.

— Eu já lhe esperava, mas não sabia quando viria.

— Não foi fácil descobrir um meio de abordá-lo.

— Então vamos para o meu escritório. Mas antes devolva a minha arma.

— Peço-lhe que me apresente as outras pessoas.

Lorne Hurne hesitou e pensou depressa. Naturalmente o Faisão Verde tinha de ser detalhista. Cada detalhe podia garantir sua vida.

— Esta é minha esposa, Marilú.

— Muito prazer — disse a mulher, na cara de pau.

— Iguualmente. Creio que já ouviu falar de mim.

— É você que se intitula o “Faisão Verde”?

— Isso mesmo.

— E esta é a Nara, nossa empregada — completou Lorne.

— Alô — disse Nara, sorrindo.

O Faisão Verde também sorriu.

— Aprecio o ambiente familiar. Coisa rara hoje em dia.

— Todos aqui são de absoluta confiança — observou Lorne.

— E quem mais está aqui em casa? Além do gato, é claro.

Realmente, de outra porta, apenas encostada, surgira um belo gato preto e branco, após empurrá-la.

— Para que esse interrogatório? Eu é que lhe pergunto se trouxe mais alguém.

— Estou só.

— Então venha comigo. Dê-me a pistolaser.

Lena retirou a arma da bola, travou-a e deu-a a Lorne. Este a colocou no bolso e fez sinal ao Faisão, para que o seguisse.

.....

O escritório era ótimo na aparência, com as paredes todas forradas como que por um estofamento de poltronas ou sofás. O Faisão Verde sabia estar lidando com um ser humano de estirpe superior e por isso, apesar da provável aliança, não descuidava a guarda. Lorne colocara-se atrás de sua mesa de trabalho, visando a parede oposta onde não havia porta nem janela. A janela ficava no lado à direita de Lorne (ou à esquerda de Lena); a porta à sua esquerda. Mas não ficavam na visão da janela.

— Quem é você? — começou Lorne.

— Eu já me apresentei.

— Mas eu não posso aceitar um apelido. Uma máscara.

— E por que não? Você também se esconde.

Lorne passou o polegar e o indicador da mão direita no queixo.

— Não digo que você não tem razão. Só que é um pouco diferente.

— Em detalhes, apenas.

— Então, nada me pode revelar a seu respeito?

— Se o fizer, será em ocasião de minha escolha.

— Então o que você quer?

— Uma aliança com os Rebeldes. Mas note bem: para derrubar o governo iconoclasta. Não aceitarei meias medidas.

— Mas é isso que nós queremos!

— Mas as ações dos Rebeldes, Lorne, não chegaram a desestabilizar o regime.

— As forças são desiguais.

— Deixarão de sê-lo.

— Um momento! Você quer dizer que representa — só você — o fator necessário para derrubar o Saturnino?

— Não apenas eu, mas os meios de que disponho.

Lena mordiscou a bochecha. Quase dissera “não eu sozinha”! Já era tão difícil disfarçar a voz...

Lorne encarou-a fixamente:

— Você nos ensinará os seus truques?

— Se Deus quiser eu o farei. Se vocês puderem reproduzir os meus aparelhos, a derrubada desse governo será coisa fácil. De dois meses no máximo, a partir da obtenção do arsenal.

Lorne teve um ligeiro sobressalto. De dois anos para dois meses!

Ele ainda não sabia disso, mas suas chances começavam a superar as de Iantok.

Capítulo 7: A rebelião evolui

Um mês após os acontecimentos aqui mencionados, um estranho grupo encontrava-se, certa tarde chuvosa e triste, numa região desolada e agreste do Planalto Selenita, a 1.350 metros de altitude, região de zimbórios naturais e penhas escarpadas. O grupo era composto por três pessoas. Uma delas parecia ter saído de uma velha revista de quadrinhos de super-heróis ou coisa parecida, tão singular era.

Riní aproximou-se bem perto dela, aproveitando o momentâneo distanciamento de Lorne:

— Sei que você é uma mulher. Por que você insiste em usar essa roupa, que a torna um verdadeiro chamariz?

Lena, que fitava o vôo de um inseto rubricórneo, teve um estremecimento imperceptível, que nem mesmo Riní poderia notar. Riní, cujas maneiras bruscas não admitiriam meias palavras ou rodeios.

— Eu sou o Faisão Verde, Riní. Eu não tenho sexo, ou o meu sexo não importa e não interessa. Eu sou o Faisão Verde.

— Mas o que é isso? Você tem o Complexo de Batman? Por que não nos revela claramente quem é você?

O Faisão Verde sorriu.

— Talvez eu já não tenha mais identidade humana, Riní. Este traje já faz parte de minha pessoa.

— Então admite que é mulher?

— Prefiro não responder à sua pergunta.

Riní teve o impulso de desmascará-la, olhar pela primeira vez aquele rosto que se escondia obstinadamente. Mas já Lorne os chamava, irritado por sua demora.

Eles se aproximaram da imensa pedra que Lorne contornava.

— Aí está. A ruína do grande castelo. Nossa fortaleza inexpugnável.

— Se Deus quiser.

— Ele quererá, Riní. Você verá.

Depois dos primeiros ataques dos robôs-policiais, o pânico começara entre os Rebeldes. Se o Faisão Verde não houvesse aparecido, a rebelião estaria em maus lençóis.

O Prof. Tousand fôra em princípio encarregado de desenvolver os segredos do Faisão Verde, e brevemente as brigadas rebeldes estariam abastecidas com armas que poderiam torná-las imbatíveis.

Assim pensava Lorne, que acreditava não possuírem os dirigentes de Lemuel recursos para superar aquelas novas armas. Apesar de certos rumores que ouvira.

O Faisão Verde contemplou as ruínas ainda impressionantes, sobrevoadas por morcegos:

— Meu bom amigo — observou, fraternalmente — crê, mesmo, que aqui será o refúgio ideal e seguro?

— Hermógenes III foi um soberano cuidadoso e inventivo, você sabe. Apesar da rusticidade atual, será fácil adaptar seus engenhos e criar uma barreira praticamente intransponível.

Riní, pouco interessado no velho palácio, contemplou nervosamente a figura estática, majestosa, dela — o Faisão Verde, a heroína de fábula que ali estava, de pé, em carne e osso, bem junto dele. Uma aura mística parecia rodeá-la, impondo respeito e inibindo a Riní o gesto violento de arrancar-lhe a máscara.

Lena, pouco reparando na hora em Riní, pensava na capacidade arqueológica de Lorne. Como grande estrategista, o líder rebelde desenvolvera em poucas semanas o plano de utilizar o castelo abandonado há séculos. Seria uma espécie de baluarte da liberdade.

Mas então a figura de Riní cruzou novamente o seu olhar. Lena arrependeu-se de súbito pela sua introspecção. A frase cortante de Riní voltou-lhe à mente: “Sei que você é uma mulher”.

VOCÊ É UMA MULHER.

Enquanto se aproximavam do castelo, o pensamento do Faisão Verde brincava com ela:

“É verdade, Riní. Eu sou uma mulher. E por falar nisso, Riní, você é um homem.”

UM HOMEM.

Uma sensação de irrealidade pareceu se apossar do Faisão Verde. Ela era uma mulher, Riní era um homem (e que homem!). A partir daí, qual a relação a fazer?

.....

— Lorne, o Faisão Verde é uma mulher. Tenho certeza disso!

— E por que tem certeza, Riní? Acha que uma mulher seria capaz de tais façanhas?

— Deixe disso, Lorne. Você nunca teve vocação para machista.

Lorne riu intimamente. De fato, não levava a sério o próprio argumento. Só que Lorne diferia em detalhes importantes de Riní. Por exemplo, Lorne respeitava o zelo com o qual Lena guardava o seu segredo.

Um segredo que Lorne já decifrara por conta própria, só lhe faltando as provas definitivas. Pois em seu arquivo holográfico, com mecanismo de auto-destruição, Lorne possuía muitíssimas informações sobre as mais estranhas pessoas, inclusive sobre Stefânio Stopenhouse, um dos sumidos nos últimos anos. Lorne detinha alguns dados que provavelmente nem o chanceler conhecia, e sabia da existência da filha desaparecida do cientista.

Poderia jurar que ela estava viva e se intitulava o Faisão Verde.

.....

O Faisão Verde!

Do alto de um gigantesco prédio a visão da Torre de Controle era perfeita. Essa torre, que vigiava a baía de Gloria, dirigia seus holofotes sobre as fragas entre as ondas, a noite inteira, girando e gorando. Era o

guardião contra o contrabando ou contra tentativas de fuga do país, ou qualquer coisa suspeita.

O Faisão Verde correu, sinistro, pelo terraço. Quando a luz se afastou na direção do mar ele pulou no espaço, descendo vertiginosamente. Acionando então seus controles, fez as bolas se enrolarem no mastro da bandeira, abaixo do facho luminoso.

Lena agora prosseguia menos espetacularmente em sua manobra de descida.

Manobrou então a bola presa ao cinturão e a mesma esvoaçou; uma excrescência luminosa em forma de gota pontuda e invertida surgiu de um orifício e pôs-se a tremeluzir em todas as cores do arco-íris. O facho de luz veio vindo.

Lena soltou-se do mastro e seu corpo flutuou no ar, suspenso pela emissão luminosa de sua bola, acompanhando o movimento da luz do farol.

De sua mochila, um jato de luz impulsionou-se paralelamente ao facho, dirigindo-se assim até a parede da torre, sem deixar de acompanhar a rotação.

Ao tocar a parede de concreto, Lena conseguira chegar ao exterior de uma das mais poderosas fortalezas do inimigo.

Lena foi deslizando para o chão. Conseguiu alcançá-lo sem ser notada e olhou em volta.

Silêncio.

Tendo ligado o anulador de alarmes, Lena pôs seus desmagnetizadores e descoesonadores em ação na primeira porta que encontrou. Ao entrar, teve logo uma surpresa: a luz índigo, que iluminava os degraus de tungstênio, as paredes, tudo, parecendo não evoluir de coisa alguma.

Penetrara numa espécie de corredor circular interno, com paredes metálicas cheias de rebites e uma escada logo adiante, bifurcando-se no décimo-segundo degrau. Então, pela esquina à sua direita, apareceu a figura ominosa de um autômato assassino.

O Faisão Verde sorriu.

— Veremos, agora, do que vocês são capazes.

O autômato, com dois metros de altura e uma aparência de vilão de

filmes de ficção científica, pôs-se a apitar e silvar como uma panela de pressão. Logo um verdadeiro ingranzéu era ouvido vindo de todas as direções.

Lena acionou sua caixa preta e faíscas estranhíssimas pularam na direção do robô. Este avançou, estendendo suas mãos-pistolas-laser e fazendo fogo. Agora, um verdadeiro fogo-de-Santelmo tomou conta do ambiente, numa dança macabra e fantástica. O raio laser não conseguiu atingir Lena e, retornando caminho, fez explodir o boneco, transformando-o em ferro velho.

Lena correu e pulou sobre os destroços fumegantes, feliz com o sucesso. Seu gás anestésico, do qual estava protegida com um antídoto, já se espalhava pela galeria, para neutralizar todos os guardas não mecânicos.

De outra escada veio uma turma de robôs, de forma semelhante e estrutura cromada, na maior algaravia mecânica. Lena pôs-se a controlar seus raios de quinta força e seu bloqueador de gravidade. Uma rede multicolorida formou-se em seu redor e confrontou os monstros mecânicos que já acorriam de todas as direções. Alguns foram enredados pelos raios filamentosos e sólidos que emanavam da caixa preta; outros subiram, arrebatando-se no teto. Todos acabaram estendidos no chão, esventrados, arruinados.

Lena tirou de sua mochila vários cartões metálicos e espalhou-os pelo local. Em todos eles estava impresso: O FAISÃO VERDE PASSOU POR AQUI.

— Por meu pai, por Andréia — murmurou Lena. — E por todos os que tombaram.

Capítulo 8: A máscara do Faisão

— Por Júpiter — disse Riní, hereticamente. — Ela não pode se arriscar dessa maneira.

— É, mas destruiu uma porção daqueles malditos robôs — ponderou Tousand.

— Eu penso que foi um golpe espetacular junto à opinião pública — acrescentou Lorne. — O povo começa a se entusiasmar diante da possibilidade de libertação.

Riní não se convenceu:

— Mas nós não estamos ainda preparados para o assalto! Só temos parte das armas necessárias! A repressão vai aumentar!

Lorne sorriu.

— Creio que ele ou ela, como você diz, sabe o que faz. Foi um golpe de mestre. A torre inexpugnável foi expugnada por uma só pessoa. O mito da invencibilidade do governo caiu por terra.

— Não, querido. Não caiu de todo. Ainda resta o Triângulo — lembrou Marilú.

.....

— Ainda resta o Triângulo — observou Yantok, carrancudo.

— Vamos com calma, professor. Até parece que estamos acuados ou coisa pior. Temos toda a força conosco — disse Marte.

O Chanceler Saturnino fitou sua amante, como a pedir-lhe uma opinião, mas afinal resolveu falar ele próprio:

— No meu entender o caso é inadmissível, portanto, Professor Yantok, sugiro que apresente logo uma linha de ação.

— Chanceler, quando eu falei no Triângulo quis me referir à sua inexpugnabilidade. Minha equipe dedicou todo o seu esforço para tornar essa construção o maior baluarte histórico que a humanidade conheceu. Quase seria possível afirmar que, se o nosso planeta fosse destruído numa colisão cósmica, à Velikowski, o Triângulo continuaria existindo, impávido.

— Poupe-nos de seus exageros, homem — ironizou Helena.

— Senhora, com todo respeito ouse lembrar que nós sabemos que poder real e secreto a Revolução possui, e como o mesmo acha-se concentrado no Triângulo. Esse poder, uma vez desencadeado, será indetível.

Saturnino retomou a palavra:

— Todavia, Yantok, esse poder a que você se refere não foi o que eu lhe encomendei nos últimos tempos. Reluto muito em usá-lo contra os rebeldes: seria como caçar mosquitos com tiros de canhão. Por isso é que

Ihe encomendei armas capazes de enfrentar as do Faisão Verde.

— Os robôs deveriam ter podido detê-lo.

— Mas não o fizeram! — o chanceler deu um murro na mesa — Não vamos chover no molhado, Yantok. Os robôs não são adversários para essa criatura.

— Talvez, senhor, os robôs conjugados com seres humanos que raciocinem...

— E onde é que eu vou encontrar essa raça? — a pergunta do chanceler não podia ser mais sarcástica.

— Se me permite, Senhor Chanceler, posso lhe garantir que nem tudo foi derrota nesse último episódio.

Todos os olhares convergiram para o General Ipuwer, Comandante da Torre. Helena, que não gostava dele, atirou com agressividade:

— Suponho, general, que ainda se pode obter bom lucro vendendo as carcaças dos seus gólens (*) ao ferro-velho?

Ipuwer procurou ignorar a provocação.

— Senhora, temos um equipamento permanente de tv interna e pudemos filmar a atuação do Faisão Verde. Temos agora um aspecto claro do seu aspecto físico.

— Como assim? Ele tirou a roupa?

Ipuwer pigarreou e enrubesceu.

— Fale — disse o Chanceler, impassível.

— Senhor, o que importa no caso é que sabemos como é o Faisão Verde em sua constituição física: altura, compleição, peso provável, agilidade... embora não possamos saber como são as suas feições.

— Já é alguma coisa. Podemos ver o filme?

— Imediatamente, senhor. Já tenho tudo preparado.

Ipuwer já viera com o holovídeo em sua valise, de modo que só teve o trabalho de acoplá-lo à tela do chanceler. Logo a figura fantástica do Faisão Verde foi vista em sua incrível movimentação.

— Não é à prova de balas ou agressões, como podem ver pela maneira como se protege. Seu poder não é tão grande assim.

A batalha com os robôs provocou emoção na platéia. Saturnino, muito interessado, aproximou-se para observar melhor.

— Que diabrete! Ah, se fôssemos capazes disto! Expandiríamos

nossas fronteiras!

— Senhor, ao menos a descoesão molecular nós estamos conseguindo experimentalmente... — arriscou dizer Yantok.

— Sch! Observe!

O Faisão Verde pulou sobre os destroços retorcidos, em retirada, deixando seus cartões de visita.

Marte rangeu os dentes.

— Então foi esse... que escangalhou o trem.

Ipuwer olhou-o com desprezo.

— Engana-se, Marte. Não é esse.

— Que quer dizer?

— Falarei claro. O Faisão Verde é uma mulher.

.....

Não foi possível ao governo abafar de todo o que aconteceu na Torre. A própria imprensa clandestina dos Rebeldes fez circular panfletos que informaram grande parte da população, Lemuel afora, da existência do Faisão Verde — que rondava, misterioso e sorrateiro, as mais poderosas cidadelas do inimigo — e da espetacular destruição dos robôs assassinos.

O governo, por sua vez, não podia simplesmente ignorar a existência do inimigo. Assim, a imprensa oficial publicou as fotografias da criatura, em notas como essa:

PROCURA-SE

“Viva ou morta, a pessoa — acredita-se tratar-se de uma mulher — que se oculta com essa fantasia e se intitula o Faisão Verde. Acusações: conspiração contra o Estado Iconoclasta, terrorismo e danos à propriedade pública. Cumplicidade com grupos subversivos organizados. Estatura: 1,67 m. Idade provável: 20 a 30 anos. Peso: 53 quilos. Cor branca. Identidade desconhecida. Alta periculosidade. A terrorista possui e utiliza com eficácia armas de alto poder destruidor. Qualquer

informação que possa ser útil será generosamente recompensada.”

.....

Era noite e uma nervosa reunião ocorria no castelo.

Riní, mal disfarçando sua raiva, encarou o Faisão Verde:

— Já sabem que você é uma mulher. Não finja mais. Não para mim. Você está se arriscando muito.

— Riní, você ainda não tem provas.

— Toda a prova que eu quiser eu terei no dia em que lhe arrancar essa maldita máscara.

— Isso você não se atreverá.

Lorne interveio:

— Chega! Vocês não vão ficar brigando como crianças. Não se esqueçam de que, além de mim, há mais três funcionários do governo em nosso grupo. Assim, temos certas informações. O perigo não é tanto. Além disso, estamos cada vez mais bem armados.

— Só há uma coisa que eu possa fazer: mudar definitivamente para cá.

— Acho melhor fazer isso essa semana. Se continuar morando na cidade poderá cair na malha fina.

— Avantesmas! — Riní era bem irreverente nas suas diatribes. — Lógico que você tem de ficar aqui. Ou na minha casa.

— Isso não me parece dentro da moral — respondeu a moça, algo sarcástica.

Tousand observou:

— Aqui, sem dúvida, é a melhor solução. Vejam bem: o campo Y, quando ativado, torna esse castelo como se fosse uma coisa só, um contínuo energético que nem os raios gama do rádio podem penetrar.

— Poupe-nos sua erudição — respondeu Lorne. — Sabemos tudo isso. O campo Y só encontra similar no campo duro do Triângulo. Ela vai ficar aqui e pronto!

Riní acrescentou:

— E chega dessas incursões malucas! Quando agirmos, agiremos em conjunto.

Lena deu um passo na direção de Riní:

— O Faisão Verde não recebe ordens.

Riní perdeu a paciência.

— Para o inferno com essa história de Faisão Verde! Você é um ser humano como outro qualquer!

— Sim, mas você não é meu marido.

Fez-se um silêncio sepulcral. Então Riní ripostou:

— Finalmente, admite que é uma mulher!

— Todos vocês já sabem. Teriam de saber. E daí? Nada altera.

Rita, que estivera espiando por uma seteira, voltara-se quando da última troca de palavras entre os dois jovens.

— E ela? É mesmo sua irmã?

— Realmente, não. É uma aliada... mas uma irmã em espírito.

— E seu nome, afinal, qual é?

Lena sorriu.

— Chame-me o Faisão Verde.

Rita interveio antes que Riní voltasse a explodir:

— Por que não diz a ele? Você está sendo má.

— Está bem. O nome é o menos. Lena, Riní. Pode chamar-me assim de ora em diante.

Riní deu um suspiro de alívio.

— Agora só falta a máscara.

Deu um passo em direção a Lena, que se enrijeceu e cerrou os punhos. Rita interpôs-se entre ambos:

— Você não o fará, Riní. Não tem o direito. Vai se dar mal.

— Isso parece uma brincadeira de gato e rato...

Riní afastou-se, controlando-se. Rita, aliviada, observou:

— Ele é uma pimenta!

O Faisão Verde, imerso em pensamentos, observou o rapaz que se afastava.

(*) Gólen — homem artificial, lenda medieval.

Capítulo 9: A arma total

Numa quarta-feira rebentou a rebelião.

Dias antes Lena fizera várias incursões nas proximidades do Planalto Selenita. Não que houvesse grande necessidade, mas não queria obedecer às ordens de Riní. Não efetuou grandes estragos, afora a destruição de um autômato, mas manteve a ronda noturna do Faisão Verde. Ficou, porém, mais tempo no próprio castelo de Hermógenes III, verificando as ameias, as seteiras, as torres, os subterrâneos, testando incompreensíveis fiações e redes energéticas que mexiam com quarks, fótons, neutrinos, pósitrons, mésons, elétrons e toda a rede em Y, a misteriosa descoberta de seu pai. Tratava-se de direcionar o íntimo da matéria, a região quase abstrata em que a matéria e a energia se confundem. Em outras palavras, a criação de um campo Y submetia a matéria-energia à manipulação inteligente. Podia-se “ligar” uma força e fazê-la atuar de determinada maneira, desde que houvesse um esquema mecânico que enquadrasse aquele movimento. Era como transformar a energia numa ferramenta.

Lena não compreendia totalmente aquelas descobertas, mas sabia usá-las. O campo Y eliminava as radiações, por essa parte não era perigoso.

Observando pela janela, com o “collie” Stambul a seus pés, Lena pensava que, agora, era tudo uma questão de horas para vencer, morrer ou, quem sabe, partir para o exílio. Uma alternativa que não lhe agradava.

Fitando a lua cheia, que aparecia avermelhada pelo efeito das nuvens crepusculares, fez uma prece murmurante, com a mão no terço que trazia no bolso, e sussurrou:

— Verá, meu pai. Você não morreu em vão.

Por toda a Lemuel grupos armados — com as terríveis armas do Faisão Verde, e muitos usando uniforme semelhante — assaltaram os baluartes do governo.

.....

— Nova Gama caiu — disse Marte.

O Chanceler já o sabia e fitou, sombrio, Yantok. Este não esperou ser

interpelado.

— Já dispomos de armas dos Rebeldes. Algumas foram conquistadas nos choques.

— Mas como usá-las? Como reproduzi-las? Quanto tempo vocês levarão?

Yantok fitou, consternado, seus vários assistentes ali presentes, homens e mulheres, intimidados pela presença do ditador.

— Na melhor das hipóteses, várias semanas.

— Enquanto província após província cai diante desses aventureiros? Senhor Yantok, o senhor foi muito lento. Nossos avanços foram muito lentos diante de um inimigo atrevido e implacável!

— Mas...

— Estamos numa guerra, e não podemos esperar tranqüilas pesquisas científicas! Disso depende nossa sobrevivência!

— Senhor, permita lembrar que me foram concedidos dois anos, e em dois meses o inimigo atacou. Já temos parte da tecnologia do inimigo, avançamos mais do que esperávamos. Só que o inimigo avançou muito depressa.

Ipuwer, com sua habitual ousadia, ergueu-se, pôs-se no centro da sala, vagou o olhar com desprezo por Helena, Marte e Yantok, fixou-o por fim no Chanceler e começou:

— Senhor Chanceler, permita-me observar que não adianta, agora, censurar o senhor Yantok que nem deveria estar aqui com seu séquito e sim trabalhando a tempo integral nos laboratórios para compreender e reproduzir as armas apreendidas. Quanto a deter os Rebeldes, se o exército convencional não puder fazê-lo o senhor terá de acionar o Triângulo.

Fez-se um silêncio de morte, um silêncio sinistro.

O Chanceler pronunciou-se:

— Fá-lo-ei em 24 horas se a situação não reverter.

— Mas não é só isso, senhor. O senhor terá de visar o Planalto Selenita.

— E por que?

— Porque, conforme o relatório que recebi logo antes de vir para esta reunião, nossos satélites detectaram o centro de energia dos Rebeldes

num castelo abandonado que lá existe.

— Descobriram isso? E não se pode tentar um ataque a esse castelo?

— Com as Forças Armadas? Senhor Chanceler, não tente isso em hipótese alguma. Estamos lidando com um perigo inaudito, relacionado com o misterioso campo Y que o físico Stopenhouse, que foi executado, estava pesquisando. Agora sei que ele fez descobertas importantes e passou os segredos para os Rebeldes.

Helena foi a primeira pessoa a demonstrar seu espanto:

— O que? Você descobriu isso?

Ipuwer sorriu, saboreando seu momento de glória:

— Tudo se consegue quando se tem competência, senhora.

.....

O coração do Triângulo.

Num porão blindado bem no centro do Triângulo estava o local mais secreto do país. Ali se encontrava o mecanismo de poder o aparelho que fornecia ao Chanceler Saturnino — ou assim ele achava — o maior poder que um homem possuía sobre a face da Terra.

Iantok, Sarney, Loana, Ipuwer, Galadak e demais técnicos, dez ao todo, ali se encontravam, mortalmente sérios. Ernestok, Marte, Temístocles, Ernest-Coplan, membros do Conselho Militar-Civil (do qual Ipuwer também fazia parte) igualmente lá estava, com Helena e Saturnino. Aquela “legião do mal”, pressionada por notícias de derrotas, estava votando a utilização da Força do Triângulo.

Com exceção de Marte e de Ernest-Coplan, que ainda apostavam no Exército, os presentes votaram pelo acionamento do Poder.

Saturnino encarou Iantok:

— Você se encarregará do correto direcionamento. A hora de agir é agora, pois Gloria já se encontra à beira do cerco.

Iantok, algo trêmulo, aproximou-se do monstruoso painel. Estava com uma palidez de espermacete.

Seus dedos nodosos aproximaram-se do botão que iria desencadear as forças da Natureza.

.....

Grupos de Rebeldes iniciaram o combate na capital. As armas de Stopenhouse varriam a resistência. Por toda Lemuel a população em fúria, armada pelos Rebeldes, levantava-se contra a tirania de Saturnino.

Riní dirigia-se em levitocarro para o Planalto Selenita, em companhia de Marilú e Lorne, além de dois recrutas da resistência, Olinto e Léxico. A idéia era utilizar o Castelo de Hermógenes III como sede interina do governo, se o Triângulo demorasse a cair.

E então começou a ventania. Nos primeiros instantes ninguém se perturbou, mas de um momento para o outro o vento aumentou de forma inaudita, monstruosa: árvores foram arrancadas e o levitocarro, apesar de sua energia, foi arrastado como se fosse uma casca de noz. Riní fez o possível, mas os controles não lhe obedeceram. O carro jogou no ar, Lorne e Marilú se abraçaram e o veículo saiu da estrada, batendo violentamente em árvores gigantesas que ainda resistiam.

— Que há? Que negócio é esse? — exclamou Lorne.

— Liguem suas armas! — respondeu Riní.

Todos tinham suas caixas pretas, que acionaram, embora Léxico perguntasse o que adiantaria.

— O Campo Y, seu burro! Vamos nos direcionar para o chão, sair dessa caranguejola.

Riní acionou a abertura da cúpula e os cinco, com as bolas energizadas apontando o chão, venceram a força do vento e desceram, enquanto o carro terminava de se espatifar.

Lorne, com os cabelos desgrenhados, observou o desenrolar do fenômeno. Todos os fogos-de-Santelmo e relâmpagos do mundo pareciam estar concentrados naquele ponto do planeta. Um ruído ensurdecedor começava a se ouvir ao longe. Uma distante montanha parecia se esboroar.

Marilú estava estarecida:

— Por Deus, Lorne! O que é isso?

A compreensão surgia em Lorne.

— A arma total — balbuciou.

Riní encostou-se a ele.

— Que quer dizer? Você sabe o que está havendo?

— Eu tinha uma vaga idéia... nada que eu tivesse a coragem de falar.

Não sabia ao certo... é a grande arma que o Triângulo esconde. A Arma do Poder. O trunfo secreto do Chanceler Saturnino.

— E que pode fazer essa arma? — indagou Olinto.

— Provavelmente, arrasar o mundo.

Não havia o mínimo tom de brincadeira nas palavras de Lorne Hurne.

Capítulo especial: E foi aqui que vocês entraram

E FOI AQUI QUE VOCÊS ENTRARAM...

Depois que as fúrias se soltaram, as torneiras do céu se abriram e o mundo foi tomado pelo caos primitivo, eles se arrastaram entre as rochas agudas, fustigados pelo vento cortante e pela chuva torrencial, iluminados pelo clarão dos relâmpagos que sem intervalo riscavam os ares, sacudidos pelos incessantes abalos sísmicos, ensurdecidos pelos trovões, perseguidos pelos projéteis lançados pelos vulcões em erupção, desviando-se das fendas que se abriam no solo crestado, esquivando-se aos bandos de animais em polvorosa e fugindo às bolas de fogo que vinham de todas as direções, buscando o refúgio que esperavam ainda seguro, o castelo no planalto. Parando um instante para tomar fôlego em meio àquele pandemônio Riní desabafou:

— E tudo isso ainda não é nada, se nós fracassarmos!

Capítulo 10: A hora da verdade

Lena encontrava-se no castelo, diante do painel, no aposento que denominara Sala de Operações. Mostrou a Rita as alterações no sismógrafo e no gráfico climatológico. O termômetro de risco avançou em sua coluna horizontal para a zona vermelha. Rita admirou-se:

— Afinal, que quer dizer isso?

Lena não respondeu: sentou-se junto ao controle central e acionou três alavancas e dois botões, de um jeito que só ela sabia fazer com segurança. Então Lena se ergueu e fez deslizar um painel, mostrando o exterior apocalíptico.

— Meu Deus, Lena! Que está havendo? Parece o fim do mundo!

— É quase isso, Rita. É a Arma do Poder, a Arma Total que o governo ligou.

Stambul andava inquieto de um lado para o outro, orelhas erguidas, pelos eriçados, choramingando.

— Rita, por favor, me traga o uniforme!

— Mas o que você vai fazer? Que poderá fazer?

— Já lhe direi. Não tenha medo! Energizei o castelo. Mas vá buscar a roupa do Faisão Verde!

Rita obedeceu correndo. Retornou logo. Lena permanecera nos controles e instrumentos de medição. Trocou rapidamente de roupa, com o auxílio de Rita. Quando terminou de ajeitar a máscara, Rita observou:

— Lena... você realmente se completa quando se torna o Faisão Verde?

— Não podemos discutir isso em outra ocasião? Temos que agir!

— E os nossos amigos, meu Deus? Afinal o que é a Arma do Poder?

— Isso, Rita, o meu pai me explicou de maneira sumária. Tentarei mostrar-lhe o pouco que sei.

Como você sabe, além da litosfera, da centrosfera, da biosfera, da hidrosfera e da atmosfera, a Terra possui também a magnetosfera, o seu imenso campo magnético, campo de forças poderosíssimas.

A Arma do Poder, desenvolvida por Yantok, Ipower e outros cientistas e técnicos a serviço do governo, influencia diretamente as linhas magnéticas, polarizando-as e direcionando distúrbios, chegando a produzir fissuras no contínuo, como se fossem rachaduras no espaço. Pelo menos foi isso que meu pai me afirmou, a última vez em que falei com ele. Eu também não entendo muito isso.

Agora mentalize: o distúrbio pode ser direcionado. Se eles quiserem, podem lançar as forças da natureza sobre qualquer local onde saibam encontrar-se um batalhão nosso. Matarão civis e gente de seu próprio exército, mas destruirão sem dificuldade, sem defesa possível, os nossos grupos, com a única condição prévia de localizá-los.

— Mas, Lena... e não haverá salvação possível para os nossos? O que é afinal esse desencadear de forças da natureza? Não podemos enfrentar nem escapar disso?

— Escapar? O Triângulo é completamente informatizado. Até um mandi ou um piau do rio teria dificuldade em não se deixar localizar. E quanto a enfrentar... as nossas armas não estão preparadas para tanto.

— Mas o que é que estão lançando contra nós? Essa tempestade de fogo... em vários locais?

— Isso é uma parte. Teremos de tudo: terremotos, furacão, tornado, coriscos, inundação, tsunamis... até os vulcões extintos entrarão de novo em erupção. Tudo que você imagine de catástrofe natural, TUDO Rita, irá acontecer.

— E você sabia disso... e não nos avisou?

— De que adiantaria avisá-los?

— Mas você nos arrastou para... isso!

— Sim. Eu tinha três opções. Ou não se atreveriam a usar a arma, ou ela não funcionaria na prática (muito embora tenham feito alguns testes secretos) ou ela funcionaria. Deu-se a última hipótese. Portanto...

— Portanto?

— Portanto, Rita, o Faisão Verde jogará a sua última cartada.

— O que você vai fazer?

Lena cerrou os punhos.

— Enfrentar o Triângulo.

— Como?

Um sinal familiar fez-se ouvir.

— Primeiro vamos deixar que os nossos amigos entrem. Graças a Deus eles conseguiram chegar!

.....

Quando a grande porta se abriu, o barulho do lado de fora era já ensurdecedor.

Lena abraçou Riní, mal olhando para os outros, mas muito rapidamente, tratando em seguida de cerrar a porta.

— Vocês estão arranhados! Vão colocar curativos que não temos tempo. Já sabem que isso é a arma do Triângulo?

— Então até isso você sabe?

O Faisão Verde, que aperfeiçoara seu traje com uma capa verde-escuro, fitou-o sinistramente.

— Você também, Lorne. É um homem bem informado.

— Se não fosse, já nem estaria vivo.

— Eu lhes dou dez minutos para se recompem. Espero a todos na sala de controle.

Sem mais uma palavra, o Faisão Verde deu as costas a todos os presentes e afastou-se. O lado brusco e taciturno de sua personalidade acentuara-se bastante naquele momento. Limpando o sangue da testa, Olinto observou perplexo para Lorne:

— O comandante não é o senhor?

Lorne Hurne sorriu, observando como Riní não parecia contrariado pela atitude de Lena:

— Não creio que isso seja relevante nessa ocasião. Ela sabe o que faz e o que diz.

Não acrescentou que o Faisão Verde era um aliado dos Rebeldes, mas não pertencia a eles por qualquer espécie de filiação.

Stambul fazia muitas festas a Marilú, que fôra menos atingida pelo vendaval múltiplo. Rita aproximou-se de Marilú:

— Vejo que perdeu os seus sapatos. Vou lhe arranjar umas pantufas. Venha comigo.

Léxico e Olinto dirigiram-se ao lavatório masculino. A sós um instante com Riní, Lorne observou:

— Ainda bem que meu filho não está no país.

— E Tody? E Nara?

— A essa hora estarão na casa de Rembrandt, com os nossos cães e o gato. Pensei em deixá-los na casa de campo, mas seria muito arriscado. Aqueles sabujos, Ipuwer e Marte, podem descobrir meu envolvimento a qualquer hora.

— Não haveria segurança na capital enquanto não neutralizássemos o governo. Você fez muito bem.

— Vamos nos arrumar, Riní. O Faisão Verde nos espera.

Riní fez uma careta. O sorriso complacente de Lorne não lhe escapara.

.....

— Quero que vocês todos entendam bem — disse Lena. — Já todos sabemos, em linhas gerais, o que é a Arma do Poder. Pela cúpula energética esse poder é amplificado e direcionado. O pessoal de Yantok é altamente qualificado. Nossos amigos já estão sendo massacrados. A revolta está em vias de terminar, mesmo com o país arrasado...

Riní interrompeu com palavras coléricas, inclusive um palavrão. Não aceitava a derrota.

Voltando-se do painel de controle, onde seguia mantendo vigilância, Lena disse, ríspida:

— Cale-se e deixe-me falar. É importante o que vou dizer.

Riní fitou-a, pouco à vontade, mas calou-se.

— Pois bem. Aqui, no castelo, temos o único poder capaz de enfrentar o Triângulo, nas atuais circunstâncias. O campo Y possui aqui uma concentração singular no planeta, com recursos de controle sofisticados. Pode, portanto, operar o que não é possível com nossos comandos, com pessoas soltas ou em bando.

— Mas de que adianta? Não podemos deslocar o castelo para atacar o Triângulo. E não creio que nossa força chegue até lá.

— É aí que você se engana, Léxico.

— Hein? Nunca soube disso. Pois se nós dependemos de instrumentos para fazer agir a força...

— Não é bem assim. Só que eu não tenho tempo de explicar. O que eu quero dizer é que esse castelo terá de fazer o que você disse.

Uma vaga compreensão, de mistura com incredulidade, foi surgindo.

— Ora, você não quer dizer...

— Sim, Marilú. O castelo, que agora é um cubo de energia Y, se erguerá nos ares, sobrevoará a distância que nos separa de Gloria e se lançará contra o Triângulo. Não tenho outra solução.

O mais equilibrado de todos, Lorne, observou em tom prático:

— Mesmo admitindo que isto seja possível, não morreremos todos?

— Não sei. Estou sendo franca. Isto é uma guerra, Lorne, e na guerra a gente pode matar ou morrer. Ou as duas coisas.

— Mas quais são as nossas possibilidades de sair com vida?

— Ignoro. Isso nunca aconteceu antes. Se o castelo resistir ao choque de forças diferentes que irá se verificar, não creio que nos aconteça nada. Eu sou a única pessoa no mundo que sabe manobrar corretamente essa coisa; portanto eu ficarei aqui.

— Nós também — disse Lorne. — Queremos acompanhar tudo.

— Só atrapalharão. Há pouco espaço e não há cadeiras suficientes. Vocês ficarão em seus quartos e amarrados nos leitos, que são fixos.

Ouviu-se um coro de protestos, até que o Faisão Verde impôs silêncio.

— Agora escutem! Não sei se já entenderam a gravidade da situação. Nós vamos sacolejar muito e vocês podem até fraturar o crânio se ficarem soltos. Terão de ficar amarrados. Se quiserem se soltar, assumam o risco. Nesta sala eu posso manter uma gravidade artificial. Se a estendesse a outras partes do castelo dispersaria a força de que vou precisar. E não temos muito tempo!

Riní manifestou-se de novo:

— Eu é que não vou ficar amarrado!

— É claro que não, seu tolo. Você vai ficar aqui comigo.

— O que?

Mais embasbacado dificilmente ele poderia ficar.

— Vou precisar de alguém para me ajudar. Você é técnico em eletrônica e analista de sistema, já possui um bom conhecimento.

Lorne interveio para resolver a questão:

— Já entendi. Vamos logo com isso. Ninguém vai ficar imobilizado afinal de contas. Será como usar cinto de segurança e pronto.

Ninguém perguntou a Lorne o que ele quis dizer com “já entendi”. Apenas Marilú perguntou sobre o cachorro. Lena explicou:

— Stambul ficará aqui. Não posso pô-lo numa coleira. Ele poderia morrer enforcado.

Riní não pareceu gostar da presença do cão como testemunha.

.....

Stambul, porém, ficou quieto a um canto, como se compreendesse o que iria se passar.

O Faisão Verde entrou com Riní e passou o trinco. Riní estranhou um pouco o gesto e encarou-a:

— Então?

Estava na expectativa do que Lena iria fazer.

Ela encarou-o, frente a frente. Riní parara, observando-a. Foi tudo questão de segundos. Então Lena levou a mão à máscara e abaixou-a para a nuca, sorrindo para Riní.

Ele também sorriu.

— Você é linda como eu pensava.

— Querido.

Lena estendeu os braços: os dois se estreitaram e beijaram-se.

— Sou capaz de apostar em como você fez isso agora de propósito.

— Realmente fui um pouco radical, querido. Infelizmente temos pouco tempo para o idílio: vamos ter que entrar em ação mesmo.

— Haverá muito tempo depois...

— ... se vencermos. Portanto vamos agir!

Capítulo 11: O último recurso

Lena recolocou a máscara.

— Para que isso? Agora que a vi...

— Por favor, Riní, agora não. Eu sempre o amei... é isso o que você queria ouvir? Mas vamos primeiro salvar o nosso país!

Apontou uma das poltronas em frente ao painel, a da direita, e sentou-se na sinistra. Riní sentou-se ao seu lado.

Lena, o Faisão Verde, regulou a grande tela. Existiam painéis menores, que mostravam de diversos ângulos o exterior do palácio.

— Nesse exato momento, Riní, nossa fortaleza está sendo submetida a intenso bombardeio de pedras-pome expelidas pelos vulcões Hombro e Terror Vermelho, que estavam inativos há séculos. Além disso faíscas gigantescas e um ciclone se chocam contra nós. Estão ocorrendo abalos sísmicos. Bolas de fogo tentam nos crestar. Tudo isso mostra que o nosso querido amigo Saturnino já nos localizou, já sabe que aqui é o nosso reduto energético e portanto a maior emissão de força do Triângulo se

dirige contra nós. Se você souber interpretar aquele mapa eletrônico, verá que há subdivisões na emissão de força, que atingem outras regiões do país, mas em menor intensidade.

— E você acha que poderemos resistir?

— Teoricamente sim, pois estamos envolvidos pelo campo Y, a não ser que a radiação dura do Triângulo consiga abrir uma brecha, o que estou tentando impedir. Mas isso não resolverá o caso, pois a rebelião será esmagada e nós mesmos, ainda que inexpugnáveis, seremos submetidos a cerco e não teremos como nos alimentar...

— Então, há algum meio de contornar tudo isso?

— Não se lembra do que eu falei há pouco?

— Erguer o castelo... voar com ele? Com a tensão nervosa cheguei a esquecer. Vamos fazer isso agora?

— Sem mais um minuto de demora. Me ajude!

— Que devo fazer?

— Puxe aquela alavanca verde à sua direita. Puxe o máximo que puder!

Riní obedeceu e Lena regulou e apertou diversos botões. Luzes começaram a piscar. Lena abriu uma tampa, com uma chave tirada de um esconderijo no seu uniforme, e fez subir um timão embutido.

— Segure-se, Riní, que lá vamos nós!

Riní sentiu a sala sacudir. Só que não era a sala, era o castelo. O cachorro latiu e começou a tentar se mover, mas escorregava em direção à parede oposta ao painel. Um sacolejão mais forte, e uma sensação de liberdade, indicaram a Riní que o Faisão Verde conseguira o seu intento.

O castelo levantara vôo.

.....

Desenrolava-se nos ares uma das cenas mais incríveis que o mundo conheceria em todos os tempos.

O imenso castelo voava. Um ciclone o acompanhava. Imensas descargas elétricas nele se enroscavam, assemelhando-se a serpentes

descomunais. Fogos-de-Santelmo de um tamanho inédito arremetiam contra a construção voadora e nela se esparramavam, com chiados e explosões. E como se tudo isso não bastasse, estrelas cadentes e já agora grandes bólidos incandescentes, que normalmente ter-se-iam incendiado e destruído na atmosfera, vinham chocar-se contra o castelo de Hermógenes. A cobertura energética apresentava mossas, sua superfície luminosa estava já bastante irregular, mas o estranho veículo, aumentando de velocidade, prosseguiu obstinado em sua rota. Sua velocidade passava de oitenta quilômetros por hora, o que não parece muito mas, considerando-se a ausência aparente de mecanismos de propulsão, era bastante.

O castelo jogava, lutava para livrar-se da laçada gasosa, levava tudo de roldão. Os projéteis esboroavam-se, abalavam a grande massa, cuja aura energética reagia com grandes descargas.

No Triângulo o ambiente era de estupefação e incredulidade. Saturnino, com os olhos fuzilando sobre Iantok e Ipuwer, cobrava uma explicação dos dois sabichões.

IPUWER — Que esse castelo voe, é uma constatação nova dos recursos dessa energia. Mas o que importa, no caso, é que ele está vindo sobre nós. — Nesse ponto Ipuwer voltou-se com severidade para o Professor Iantok: — Cabe a você, sem dúvida, deter essa joça. Você é que é o grande entendido em Arma do Poder.

— Senhor Ipuwer! Nós estamos tentando! Mas por que não disparar mísseis atômicos sobre essa coisa?

SATURNINO — Há tempo, general?

— Darei as ordens. Acontece, porém, que o Triângulo é inexpugnável...

— Não lhe perguntei senão uma coisa.

— Sim, senhor.

Ipuwer correu ao vídeo-microfone para comandar o batalhão de balística. Algo muito fora de moda, tendo em vista a quase abolição da energia atômica. Os mísseis lemuelianos eram secretos e seu uso poderia acarretar problemas internacionais...

Iantok encontrava-se diante de uma tela fantástica na qual dançavam lençóis de cores cinematográficas. Só um especialista poderia dizer o que

aquilo significava. Marte, porém, que não era um especialista, e desejoso de fazer esquecer o fiasco do trem, aproximou-se indignado do cientista:

— O senhor vai ficar aí vendo televisão em vez de tomar enérgicas providências?

— Mas que quer o senhor dizer? Estou interpretando as linhas de força que definem a emissão de nossa cúpula...

— Por que o senhor não concentra toda a força destrutiva no castelo?

— Se fizer isso, desviarei dos outros pontos...

— Escute aqui, homem — disse Loana. — Os últimos relatórios dizem que os Rebeldes foram dizimados em todos os pontos exceto em Gloria já que não pudemos direcionar a força dura em nossa própria capital. Os estragos foram muitos, pagamos um violento preço, mas ganhamos a guerra. Só falta acabar com essa coisa maldita.

— Mas já fiz de tudo! Até atraí grandes meteoros e a coisa continua vindo!

IPUWER — Já mesmo? O castelo está no ar! Já usou o ar?

— É claro! Tornado e furacão...

— Faça mais que isso. Aeromoto.

— Isso é algo que eu nunca tentei...

— Sabemos que pode ser feito. Vire esse negócio de pernas para o ar e jogue-o ao chão!

.....

— Nós temos um campo gravítico artificial aqui dentro, como eu disse. Mas estou preocupada com os outros. Até agora não jogamos tanto assim, mas pressinto que vem coisa feia...

— Do jeito que o tempo está feio lá fora...

Riní afagava a mão de Lena, ainda que protegida por uma luva. A jovem procurava não encorajar nem repelir muito essas manifestações. Havia uma prioridade, um dever a cumprir.

— Riní, temos que evitar que nos desviem! Em última palavra é o que querem fazer!

— Você acha mesmo? Por mim querem fazer coisa pior!

— Sim, claro que querem nos destruir! Mas se não puderem, tentarão nos impedir de chegar ao Triângulo!

— E falta muito?

— Em quinze minutos chegaremos se não nos retardarem. Meu Deus! Veja a agulha!

Realmente, a agulha do sismógrafo parecia ter enlouquecido.

— Riní, vamos deixar os outros entrarem! Vamos jogar muito agora!

Bateram na porta.

Ao abri-la, Riní teve consciência da situação externa à sala: móveis e objetos jogados e quebrados.

Lorne e todos os demais entraram, ocupando o pequeno espaço, recebendo as festas de Stambul, que continuava nervoso, sentindo a anormalidade da situação. Lorne esclareceu logo:

— Chamei todo mundo. Nós já demos uma cambalhota e não foi nada agradável. Vocês dois já estiveram sozinhos demasiado tempo.

Riní corou. O Faisão Verde encarou Lorne friamente:

— Que está insinuando? Nós não tiramos as nossas roupas, se é isso que quer saber. Mesmo que quiséssemos não haveria tempo; estamos dirigindo. Fechem a porta! Venha, Riní!

Entre risos, Lorne respondeu:

— Bem, não precisa se zangar tanto! Foi um comentário sem maldade...

O castelo estava sendo envolvido pelo aeromoto.

Capítulo 12: Armageddon

O castelo pôs-se a dar pulos incríveis, de dezenas de metros, cambalhotas e mais cambalhotas.

Apesar de tudo, resistia e reagia com descargas homéricas, ionizando o ar e criando áreas momentaneamente limpas. Nessa luta titânica escoaram-se vários minutos e por fim, encontrando um canal de passagem entre as massas gasosas em fúria, a grande construção avançou

rapidamente. Foi quando três mísseis atômicos vieram, provocando novos e perturbadores abalos.

Lena, se pudesse ser vista por baixo da roupa, estaria pálida, exausta. Ela compreendia isso e também que o seu esgotamento físico significaria a derrota.

— Por favor, se virem que eu ameaço desmaiar apliquem-me uma injeção de Reforçol. Está naquele armário com espelho, na gaveta de cima.

— Espere aí! Esse negócio é perigoso! — protestou Marilú.

— E eu jamais tomaria isso se não houvesse necessidade. Mas se não chegarmos logo, vou perder as forças.

Riní aproximou-se dela.

— Mostre-me o rosto.

— Não! Eu não estou desmaiando! Volte para o seu posto! Não vê que já vamos chegar? Falta pouco!

Súbito saíram numa região de calmaria. Avistava-se a montanha que antecedia Gloria. Já não ocorriam fenômenos terríveis, tendo em vista a proximidade da capital; mas alguns dos instrumentos da sala haviam pifado, por sobrecarga. Lena calculou que 30% dos controles estavam inutilizados. A batalha fôra muito dura.

Lena suspirou fundo.

— Deseje-me boa sorte, Lorne Hurne. Somos nós ou a oligocracia de Lemuel!

O majestoso palácio de Hermógenes pairava sobre o Triângulo.

.....

Ipuwer, lívido, fitou o monstro que eclipsava o sol.

— Raios!

Fez então algo que nunca ninguém fizera antes. Os feixes dos raios duros do Triângulo nunca tinham convergido; só divergiam. Orientando Iantok, Galadak e Marte, o comandante fez convergirem os raios todos sobre o castelo, fechando-se quase como garras, feixes amarelos e monstruosos, perfeitamente visíveis perante uma população em pânico.

Lena, prevendo algo assim, fez brotarem de todas as janelas outros braços de energia e finalmente as duas forças se encontraram diretamente. Ao mesmo tempo Lena manobrou, apontando a quina do castelo para a construção lá embaixo.

A atmosfera explodiu.

Atravessando o cataclismo, o castelo rompeu a resistência e, com as torres mais altas partindo-se e voando pelos ares, caiu de chofre e de rijo sobre o monstruoso Triângulo. A aura energética esticou-se como bola de sabão, uma transparência incrível revelou o interior do castelo e as próprias paredes se esticaram, como se isso fosse possível, como se uma força monstruosa e inacreditável estivesse tentando rasgá-lo em pedaços. Por fim, quando a quina, como irresistível aríete, arrebentou o teto do Triângulo, a destruição envolveu a fortaleza do governo, cujas paredes, fulminadas pela implosão da própria energia, desmoronaram como um castelo de cartas e o próprio palácio de Hermógenes se esboroava ao penetrar no reduto inimigo.

Um último clarão, seguido de estrondo audível a dezenas de quilômetros, assinalou o término da batalha titânica.

Epílogo: O futuro começou

Lorne tinha acabado de assinar um decreto que criava a Rede de

Restaurantes Populares (que serviriam refeições pela metade do preço habitual, como recurso de emergência para atenuar o terrível custo de vida) quando a lâmpada de seu videofone acendeu, acompanhada pelo apito característico. Lorne teclou e a ligação se completou. Apareceu a figura conhecida de Hermelinda:

— Presidente, o Ministro da Defesa e sua esposa já chegaram e pedem para ser recebidos.

— Claro, claro. Mande-os entrar sem demora.

Logo a porta se abriu e Riní, de mãos dadas com Lena, se aproximou. Ambos sorriam. Lorne levantou-se para cumprimentá-los calorosamente e em seguida indicou-lhes poltronas em frente à escrivaninha.

— Bem, bem. O que é que os amigos vão tomar?

— Um mate gelado estaria bem para mim. E você?

— No dia em que eu pedir o mesmo que ela, Lorne, pode me demitir. Um xerez dos bons, se puder...

— É claro que pode. Vou até lhe acompanhar.

Depois que o robô (agora, só eram admitidos robôs construídos segundo as leis de Asimov) trouxe as bebidas e se retirou, Lorne iniciou a conversa:

— Às vezes, sabem, eu ainda sinto a falta de tantos amigos que morreram na guerra... como o velho e bom Tousand, por exemplo.

Lena, recostada na poltrona, observou:

— Diga logo quase todos, Lorne. Como há tempos eu perdi meu pai nas mãos daquela gente, já estava de certa forma vacinada...

— Lena, talvez seja melhor cicatrizarmos todas as nossas feridas... eu também perdi tanta gente... — observou Riní.

— É verdade que eles também pagaram caro... — acrescentou Lorne.

Realmente, a cúpula do governo iconoclasta morrera com o desabamento do ominoso Triângulo. Saturnino, Iantok, Helena, Marte, até o terrível Ipuwer haviam perecido. Todos os corpos puderam ser identificados. Lena e seus amigos escaparam, já que o aposento de controle achava-se super-energizado e isolado, tendo permanecido incólume após a espatifação do castelo, de modo que a grande perda foi para a Arqueologia. Foram necessárias horas para que uma tinta de normalidade retornasse a Gloria, mas a queda do Triângulo resultara em

que as forças regulares, na sua maior parte, tinham aderido à rebelião, com o apoio da população sublevada e o que restou das brigadas rebeldes, dizimadas em 90%.

A terrível Arma do Poder fôra aniquilada e, graças a Deus, ninguém sabia como reconstruí-la.

Lena, heroína nacional, era agora uma pacata escritora, além de dona de casa. Pretendia ter muitos filhos.

— Às vezes eu penso — disse Lorne — o Faisão Verde encerrou mesmo sua carreira para sempre?

— Creio que, se ele voltasse, eu ganharia meus primeiros cabelos brancos — objetou Riní.

LENA (rindo) — Faltando um motivo, eu realmente não vejo por que voltar... quem sabe um dia? Rita às vezes diz que sente saudades daquele tempo.

Lorne comentou:

— Estou lendo seu último livro. É bom saber que você faz sucesso nesse ideal... que é tão difícil. Mas é pena que não tenha acompanhado Rita...

A amiga de Lena era a pessoa mais nova do gabinete. Era Ministra da Infância. O governo do Presidente Lorne Hurne (eleito oito meses atrás, por sufrágio universal) dedicava atenção especial às crianças, tendo proibido rigorosamente o abortamento, além de possibilitar, após tantos anos de proibição, o ensino do catecismo. Já não existiam padres, pastores e rabinos secretos.

Lena respondeu à observação de Lorne:

— Eu sempre quis manter minha independência, desde a rebelião. Por isso preferi continuar de fora... assim, um dia, meu caro Lorne, no futuro, se as forças do mal voltarem a dominar o nosso país...

Fez uma pausa de pontuação dramática e concluiu, grandiosa:

— O Faisão Verde retornará.

FIM

